

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL E ARQUITECTURA

REABILITAÇÃO: UM DIÁLOGO COM A CIDADE

PROJECTO PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA



Marta Sofia Ribeiro de Morais Nunes
Orientador| Prof. Doutor Jacek Dominiczak
Co-orientador| Prof. Doutor Luiz Oliveira

COVILHÃ 2009

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Jacek Dominiczak pelo apoio, orientação, todas as horas de conversa que sempre proporcionaram um entendimento, partilha e melhor compreensão da arquitectura e os seus diálogos.

Ao Prof. Doutor Luiz Oliveira pela co-orientação, disponibilidade e sensibilização na reabilitação e sustentabilidade.

Ao Prof. Martin Hock e Prof. Michael Mathias pela disponibilidade, ajuda e material para o levantamento.

A todos os meus amigos que comigo caminharam neste percurso, aos que sempre me incentivaram, apoiaram em todos os momentos, em todas as coisas que partilhamos, desde as ideias à amizade.

Ao David por todo o apoio emocional e físico, pelo optimismo, incentivo e nunca me deixar desistir.

À minha família sem a qual não estaria aqui, aqueles que sempre acreditaram, são as fundações da minha formação e o vosso orgulho sempre me dá mais vontade de avançar.

Aos meus pais, Ana e Manuel pela compreensão, confiança, amor e inércia, por nunca terem deixado de acreditar e compreenderem tantas horas ao computador.

RESUMO

A zona histórica da cidade da Covilhã, como em tantas outras cidades, tem sido deixada ao abandono e, consequentemente, os edifícios nela existentes avançam na sua degradação.

Sendo esta uma zona de extrema identidade da cidade, com uma articulação e linguagem muito próprias, a reabilitação é uma técnica de devolver ao edifício uma habilidade e uma funcionalidade, como também uma forma de promover um diálogo com e para a cidade.

Este diálogo constrói-se com a análise e compreensão da malha urbana horizontal e vertical, articulando o edifício com a envolvente, promovendo uma reabilitação assente na sustentabilidade, não só física mas também económica e social.

Assim sendo, este trabalho apresenta como se pode intervir, desde a metodologia à concepção de projecto, partindo de uma percepção fenomenológica do local de intervenção, passando pela estruturação de uma metodologia de trabalho, até ao desenho de uma nova proposta escolhida no contexto urbano da Covilhã.

Palavras-chave: Diálogo, Identidade, Reabilitação, Revitalização, Sustentabilidade

ABSTRACT

The historical area of Covilhã, as in so many other cities, has been left to the abandonment and, consequently, the existing buildings are progressing in their degradation.

Since this is an area of extreme identity of the city, with a very own language and articulation, rehabilitation is a technique to return to building a skill and a feature, but also a way to promote a dialogue with and for the city.

This dialogue built with the analysis and understanding of horizontal and vertical urban mesh, articulating the building with the existent, promoting rehabilitation based on sustainability, not only physical but also economic and social. Therefore, this work presents as can intervene, since the project design methodology, starting from a phenomenological perception of the place and structuring working methodology, until the design of a new proposal chosen in the urban context Covilhã.

Keywords: Dialogue, Identity, Rehabilitation, Revitalization, Sustainability

ÍNDICE

6	INTRODUÇÃO
8	METODOLOGIA
12	A RECOLHA DE INFORMAÇÃO
14	INTERPRETAÇÃO
22	PROJECTO
23	MEMÓRIA DESCRITIVA
25	PEÇAS DESENHADAS
37	3D
42	CONCLUSÃO
44	BIBLIOGRAFIA



INTRODUÇÃO

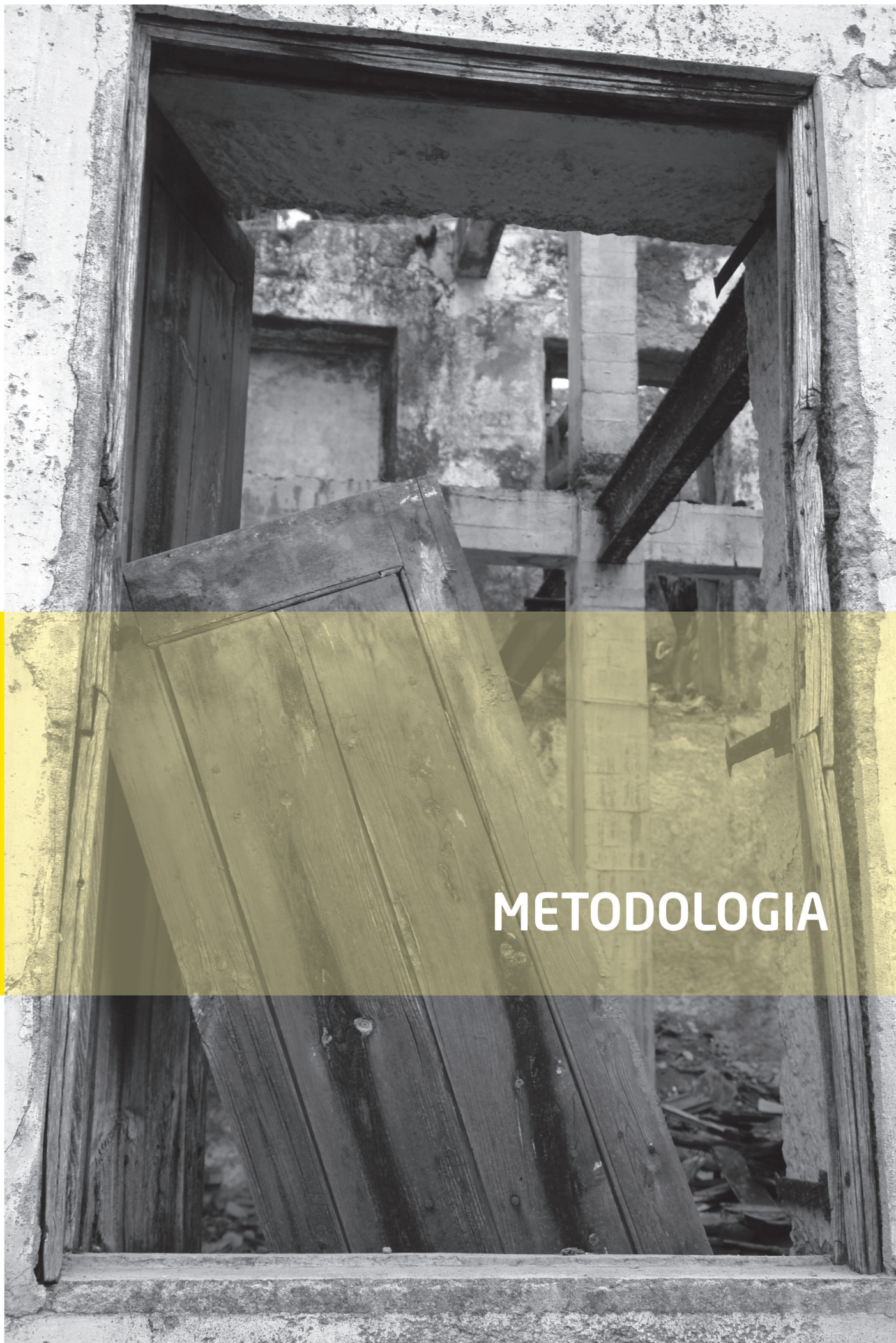


“A realidade da Arquitectura não é a Arquitectura construída. Além destas formas condicionais - construído e não construído - a Arquitectura forma a sua própria realidade, comparável à realidade autónoma de uma pintura ou de uma escultura.” Herzog & De Meuron

O sector da construção é hoje uma das actividades com maior impacto sobre o ambiente e o património natural, exercendo igualmente impacto sobre o património arquitectónico e o edificado, com um crescimento excessivo e desordenado. Portugal é o país com a taxa de construção mais elevada da Europa, registada na última década – falamos de nova construção, promovendo assim que as pessoas se desloquem dos centros das cidades para as periferias, deixando os centros urbanos e históricos sem habitantes e com edifícios abandonados e devolutos. A Covilhã é um exemplo dessa tendência.

A reabilitação torna-se assim uma medida preventiva do envelhecer das zonas consolidadas da cidade. Neste momento ganha força, a nível nacional e mundial, que devemos preservar as cidades e a sua identidade, o que as torna únicas. Com cada vez mais adeptos, as técnicas apuram-se e as intervenções são mais constantes, mas é importante pensar como articular todas as etapas do processo, como podemos pensar num método. É evidente que estamos a falar de uma área em que há várias condicionantes, cada caso é um caso, mas o propósito deste trabalho é estabelecer uma linha orientadora de trabalho, em que esta possa ser usada como base de abordagem para uma concepção de projecto – falamos assim de análise, percepção, interpretação do caso que teremos em mãos.

A construção de uma metodologia que possa ser usada para os casos de reabilitação, num contexto urbano e a aplicação da mesma num edifício na zona histórica da cidade da Covilhã, é o objectivo deste trabalho, para isso temos que dividi-lo nessas duas partes distintas, a metodologia e a aplicação.



METODOLOGIA

As mudanças urbanas não estão só associadas à arquitectura e ao desenho arquitectónico, mas às mudanças complexas a nível sociológico, sendo a reabilitação um processo também ele complexo, conciliando acções diferentes de naturezas diferentes.

A reabilitação actua aos níveis da cidade e do edifício, tendo no segundo duas linhas de acção distintas, uma se se tratar de um edifício corrente, e outra se tratamos de um edifício com valor enquanto património cultural. Mas o vulgo edifício corrente tem toda uma carga histórica, um contexto, uma linguagem que se exprime pelo agregado urbano, solidamente fundado e centro gerador da cidade. Logo, não podemos intervir sem a preocupação de uma análise, compreensão e avaliação de todo o sistema urbano envolvente, existindo entre eles diálogos complexos que surgem desde a funcionalidade à estrutura, permitindo assim que alcance um novo objecto arquitectónico que promova não só a condensação deste conhecimento, mas também possa aliar todo o peso tradicional, próprio do edifício, com a abordagem contemporânea, própria do interveniente. Um novo objecto que surge como resposta a toda a informação encontrada.

A abordagem através do método dialógico (ou de diálogo) gera uma metodologia particular, em que o objecto arquitectónico é desenvolvido, como resposta à envolvente urbana e à sua arquitectura. Baseado na teoria da percepção fenomenológica, ou seja, como o mundo nos aparece – não como ele realmente é, ou foi planeado para ser, “(...) a consciência de um mundo é já consciência *através* desse mundo”¹.

1) Emmanuel Levinas

Sendo assim, esta metodologia terá três partes distintas:

- A recolha de informação física, estrutural, cultural e social, o seu contexto e linguagem;
- A interpretação desenvolvida sobre a análise da informação específica, uma interpretação fenomenológica;
- O uso desta informação no desenhar da nova proposta.

Para isso, é necessário ter bem focado pontos como a percepção visual, pois 80 por cento da informação que o cérebro processa é visual; informações especificamente arquitectónicas, neste processo as ruas são as primeiras a serem consideradas, dá-se importância ao “aqui e agora”, o que está directamente ligado à percepção, em vez da história, a questão que se coloca é como e não porquê; informação geométrica, para o arquitecto é necessário responder ao existente, mas para isso é precisa informação prática e física, transformando a linguagem em geometria, considerando áreas, volumes, planos, linhas, dimensões e proporções.

Mas antes temos que perceber os princípios, termos e definições² desta abordagem, para que assim se possa perceber todo o processo.

Quanto aos princípios temos como referência quatro pontos distintos, que têm relação directa com a forma como percebemos e percebemos o contexto urbano.

2) Jacek Dominiczak and Monika Zawadzka in cooperation with Agnieszka Kiera: “Local Identity Code for Central Fremantle”. 2007-08. Copies available in the library of City of Fremantle.

As **idades como base de conhecimento**, em que contemporaneamente este conhecimento está agrupado nas questões políticas, sociais, económicas e ambientais, sendo a informação aqui obtida complexa, exigindo assim uma interpretação interdisciplinar. Estas questões têm influência na arquitectura da cidade, como esta se constrói e desenvolve, cresce e organiza.

A **arquitectura como conhecimento específico** vai permitir o sucesso da articulação da informação, desde que se mantenha no seu campo específico, a *qualidade dos espaços construídos para os homens viverem*³, mas nas cidades este espaço é todo o que é construído por volumes, organizado em ruas e decomposto em superfícies.

3) Jacek Dominiczak and Monika Zawadzka in cooperation with Agnieszka Kiera: "Local Identity Code for Central Fremantle". 2007-08. Copies available in the library of City of fremantle..

Arquitectura e sustentabilidade – já foi mencionado no ponto anterior o campo da arquitectura, a sustentabilidade é definida como o *estar preparado para o futuro desconhecido*⁴.

4) Idem

5) O conceito de Arquitectura Dialógica foi formulado por Jacek Dominiczak em vários textos, palestras e projectos de investigação. Ver: www.diaade.org/jacek_dominiczak.html

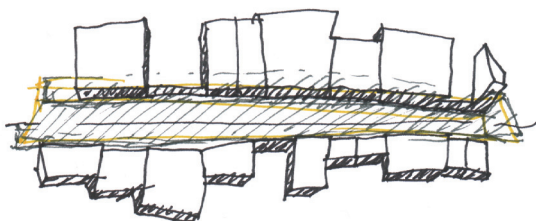
Arquitectura dialógica⁵ interpreta o espaço nas diversas redes dos interiores urbanos e arquitectónicos, que são formados através de vários encontros arquitectónicos. Inspirado na filosofia de Emmanuel Levinas, a arquitectura dialógica surge como uma situação ética única, cada edifício e cada objecto urbano tem o direito de não lhe retirarem essa qualidade e valor. Tal ética arquitectónica impõe uma responsabilidade em cada novo edifício construído ou planeado. Como aponta Levinas, responsabilidade é entendida como a habilidade de responder, forçando o encontro a tornar-se diálogo⁶.

6) Teresa Barata Salgueiro, in "A cidade em Portugal"

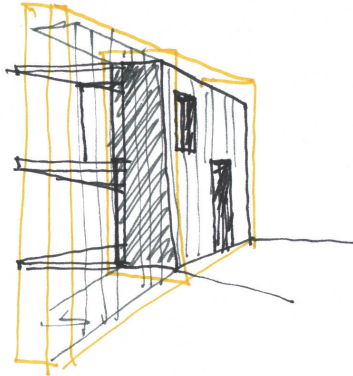
Identidade Local, uma vez que a arquitectura dialógica está fundada numa ética arquitectónica, a questão da identidade local é a sua essência. Um diálogo arquitectónico, através da sua construção ética, é obrigado a "ouvir" o existente, a arquitectura local. *Tal como as pessoas, as sociedades e os povos possuem uma memória colectiva que constitui parte essencial da sua identidade como grupo e cuja perda poderá causar graves perturbações. Sabe-se que esta memória colectiva constitui um quadro de referência fundamental para o equilíbrio psicológico necessário para reagir às mudanças que constantemente se prefiguram nas nossas cidades.*

Na questão dos termos e definições, convém reter os seguintes:

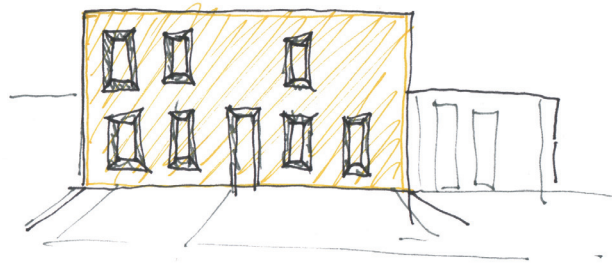
Interior Urbano – um interior urbano é um volume tridimensional no espaço da cidade: uma rua, uma praça, um jardim público. Neste espaço, o pavimento é um "piso urbano", as fachadas constroem as "paredes urbanas" e o céu é um "tecto urbano".



Parede Urbana – é a parede que se encontra entre o espaço exterior do interior urbano, e os espaços interiores dos edifícios e blocos urbanos. A parede urbana quando observada num interior urbano, dá a forma a esse espaço, normalmente esta articula-se através das fachadas dos edifícios, mas pode também ser muros altos, vedações, filas de árvores, etc.



Fachada – é a parte exterior da parede urbana.

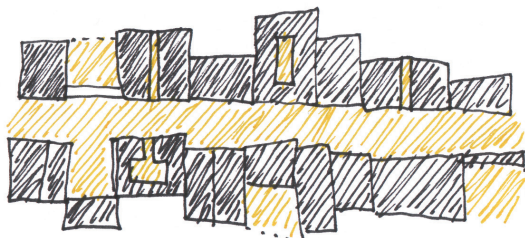


Interioridade – é o espaço para se estar sozinho, onde se está em liberdade, onde se expressa a liberdade. *A função original da casa não consiste em orientar o ser pela arquitectura do edifício e em descobrir um lugar – mas em quebrar a plenitude do elemento, abrindo aí a utopia em que o “eu” se recolhe, permanecendo em sua casa*⁷. Para a arquitectura será o espaço em que somos livres, na forma, na função e na organização do espaço.

7) Emmanuel Levinas

Exterioridade – é o espaço de encontro, onde se está frente a frente com o “outro”, aqui expressa-se a ética. *A verdadeira essência do homem apresenta-se no seu rosto, em que ele é infinitamente diferente de uma violência semelhante à minha, oposta à minha e hostil e já em luta com a minha num mundo histórico em que participamos no mesmo sistema*⁸. Para a arquitectura no interior urbano, as fachadas são os “rostos” dos edifícios, que se encontram, que estão frente a frente. Deve existir então uma ética que mantém o diálogo entre eles e não o exercício de uma violência, ou seja, há a preocupação com a envolvente, não ignorando a identidade local.

8) Emmanuel Levinas



9) José Lamas

*A salvaguarda e reabilitação dos centros históricos e das antigas cidades é hoje tão natural para os meios cultos e civilizados que dá para esquecer que nem sempre foi assim*⁹. Uma intervenção num centro histórico, como o da Covilhã, com um carácter único e insubstituível, será elaborada com preocupações particulares e uma qualidade assegurada. A intervenção deverá ser feita com cuidado, consciência e interpretação do existente e envolvente, respeitando o património original.

A arquitectura permite que se sobreponham formas, que se altere o uso, que se lhe atribuam outros significados.

Situado no Centro Histórico da Covilhã, entre as Escadas da Boavista e a Rua da Boavista, é um edifício cujas características construtivas são próprias de uma arquitectura industrial, de pequenas dimensões, que valoriza o conjunto urbano e muito característica da cidade.



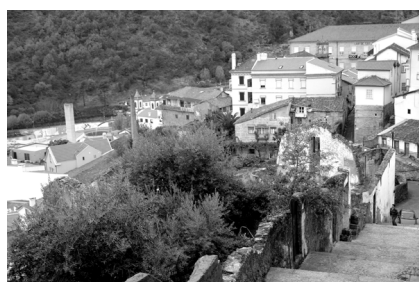
1
Localização



2



3



4



5

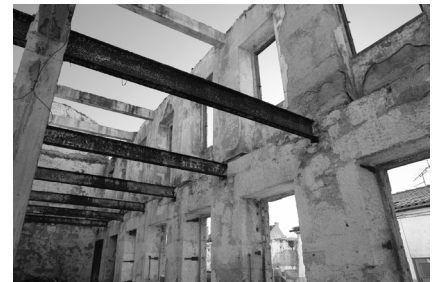
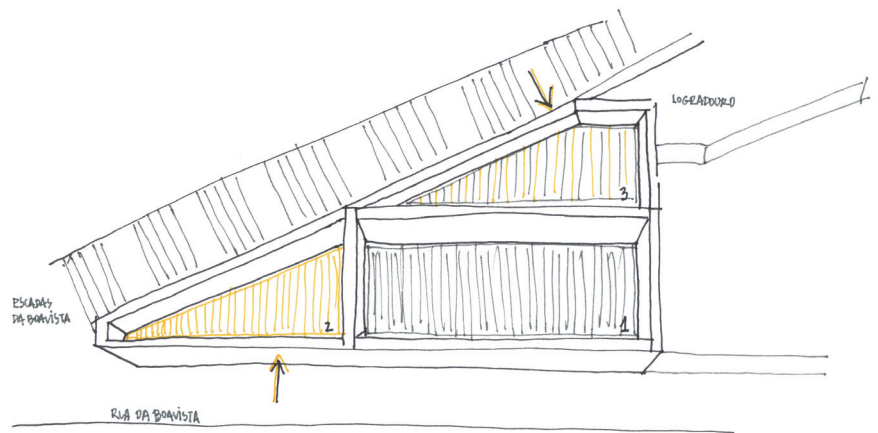
2, 3, 4 e 5
Fotografias do local

Estamos perante um edifício em que a pré-existência será o esqueleto substancial de uma nova proposta, uma estrutura que será determinante na definição do novo edifício. Isto significa que a forma inicial se transformará numa nova,

preservando a identidade e ouvindo o existente. Um edifício em gaveto na convergência da Rua da Boavista com as Escadas da Boavista. Com acessos pela rua e pelas escadas, num desnível de dez metros e existência de um logradouro.

A nível estrutural e como este trabalho, se desenvolve no sentido da elaboração de uma metodologia de concepção de projecto, consideramos que estrutura se encontra em relativo bom estado, sendo que toda a parte técnica de diagnóstico será posteriormente elaborada. Mas trata-se de um edifício em alvenaria de pedra de granito, com estrutura interna, pilares e vigas do último piso em argamassa de cimento, e vigas intermédias em aço. Percebe-se no entanto que esta estrutura é posterior à construção do edifício, supondo-se que a inicial terá sido em madeira, bem como a cobertura. Pode perceber-se que o edifício original é o volume rectangular, pela existência da parede da esquerda e mesmo a nível estrutural.

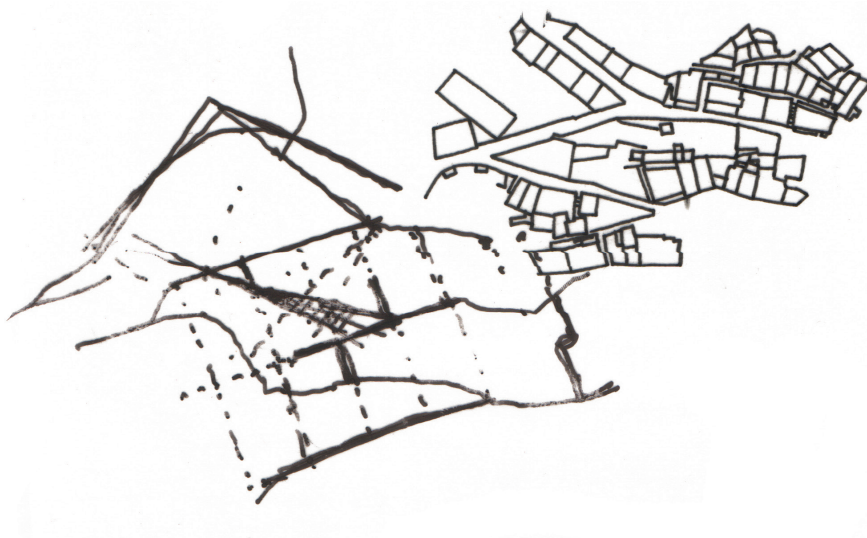
Por isso podemos dividir o edifício em três partes distintas como se pode verificar no desenho.



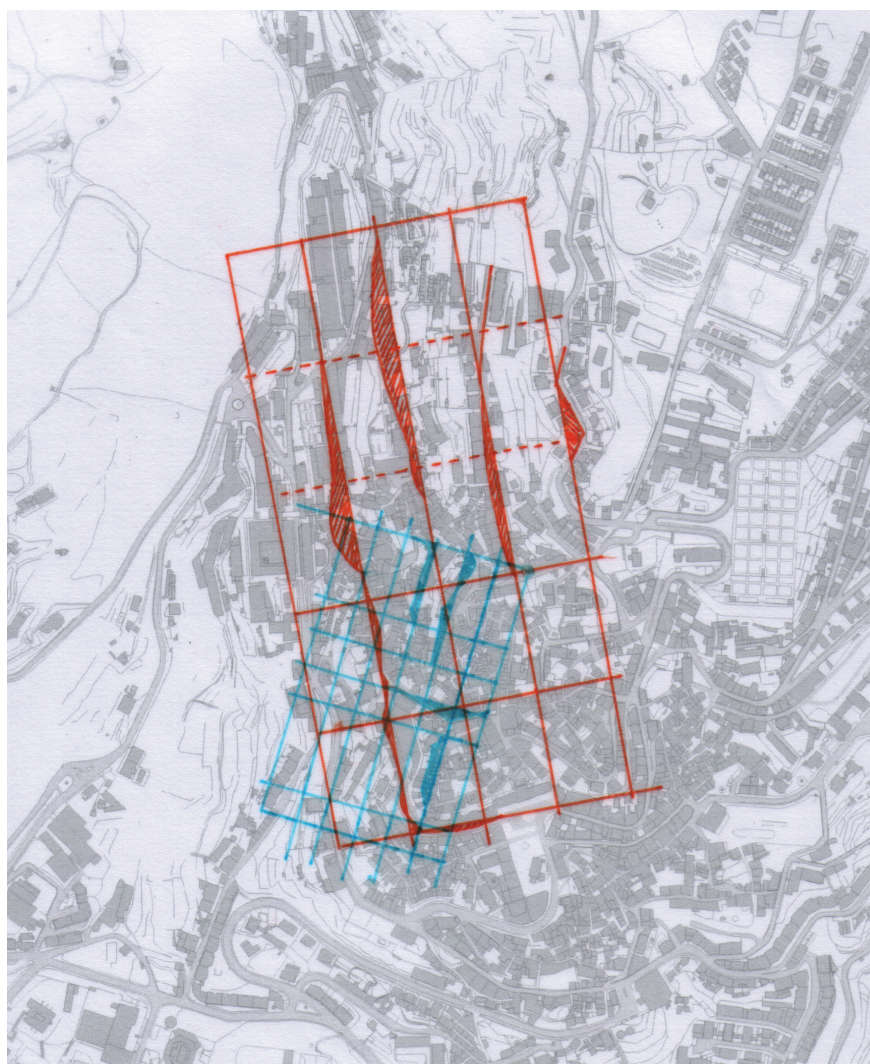
6, 7, 8 e 9
Fotografias da estrutura existente

INTERPRETAÇÃO

Segundo a metodologia, estamos perante um edifício que é elemento estruturante do interior urbano formado pela Rua da Boavista e Escadas da Boavista. As suas fachadas são paredes urbanas desse interior.

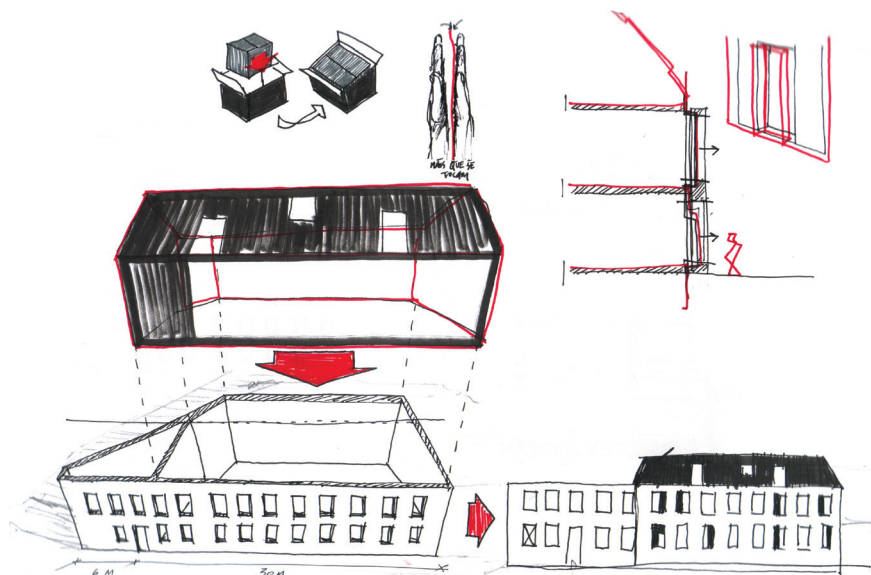


Interessa-nos perceber como se articulam os espaços na escala urbana, como se organizam os interiores urbanos, para isso, elaboramos a malha urbana.

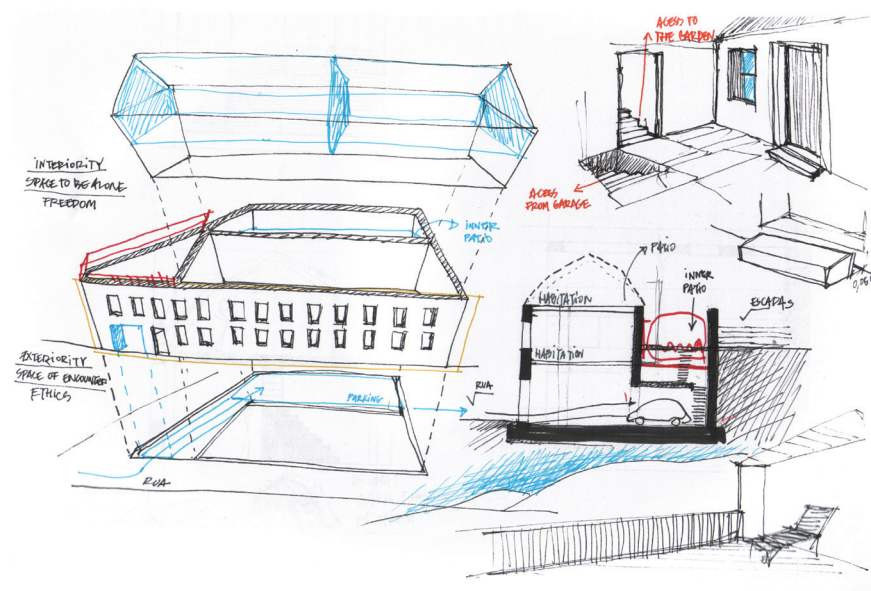


Como a cidade é base de conhecimento, devemos partir daí para a construção da malha, a cidade cresce e organiza-se através dos interiores urbanos que nos dão a estrutura elementar que compõem a malha. Assim partimos do todo, para o particular, que será a zona onde está inserido o edifício a reabilitar. A malha construída ajuda-nos também a perceber a identidade local, pois esta constrói-se pelo diálogo ético entre o que envolve os interiores urbano, ou seja, os edifícios.

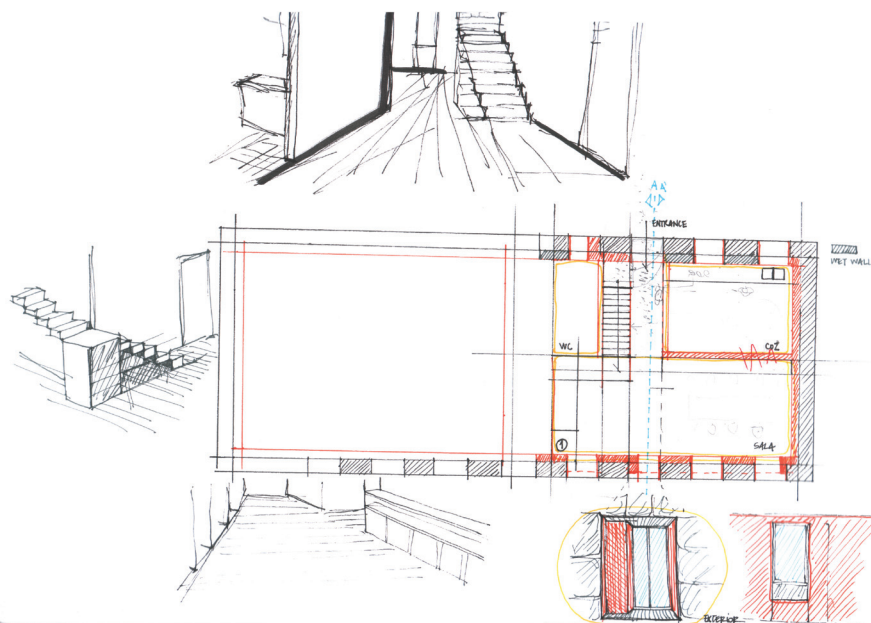
Assim podemos perceber, que no edifício escolhido a sua parede urbana está em forte diálogo com a envolvente, assim será de preservar a fachada, a exterioridade. A liberdade de projecto será no espaço interior. A nível conceptual, teremos uma caixa dentro de outra caixa, em que a pré-existência se mantém e uma nova estrutura será sobreposta no seu interior.

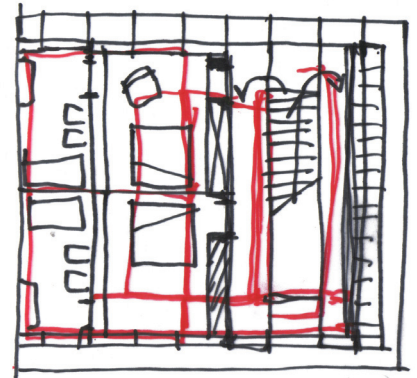
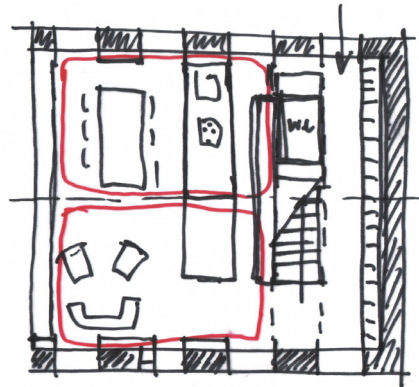
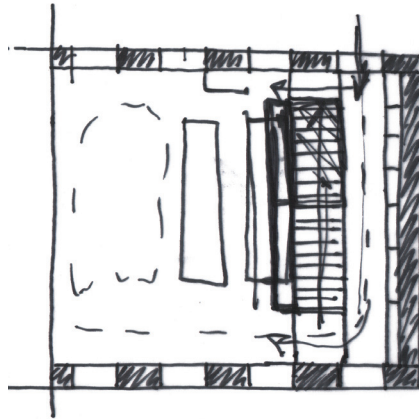
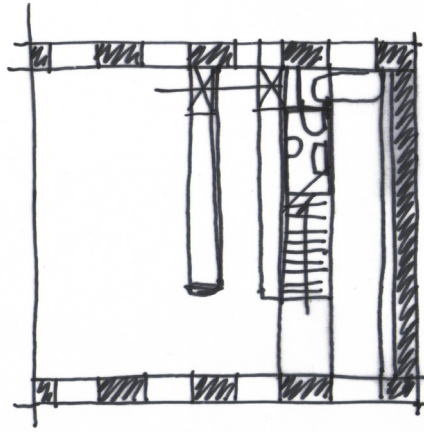


Percebendo através de uma abordagem fenomenológica como o edifício nos aparece, estabelecemos um estudo volumétrico em que se experimenta como organizar as novas valências e elementos permanentes, como escadas, paredes técnicas. A sua distribuição é pensada para que o interior seja o mais flexível possível.

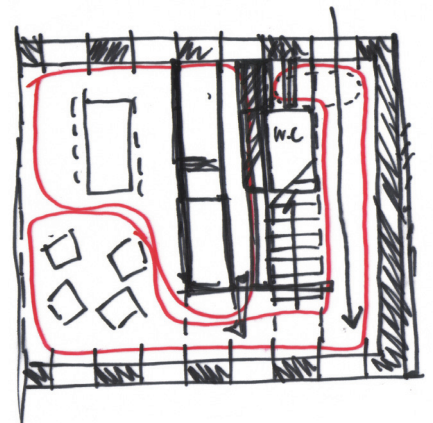


A partir daí estrutura-se um protótipo do tipo de espaço e tipologia pretendida, como dimensões reais e desenhos à escala. Uma formalização do tipo de vivência e ambientes que se pertencem. Na fase de protótipo estabeleceu-se que os elementos permanentes - escadas e parede técnica - se organizam como um só elemento.

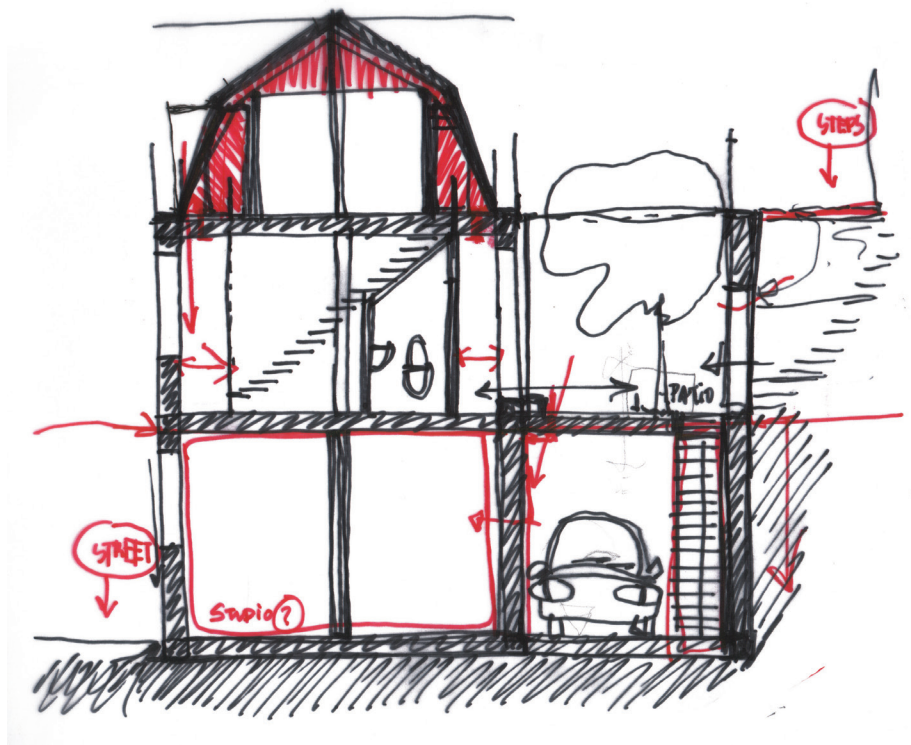




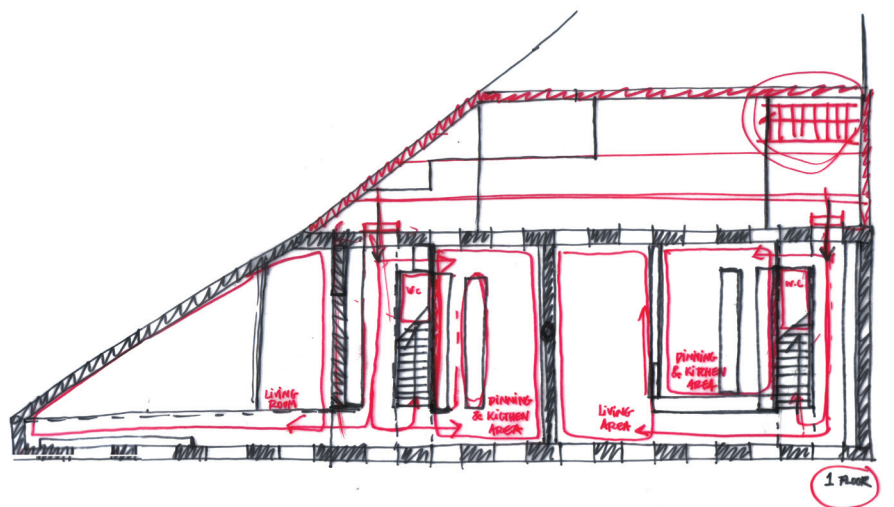
O protótipo vai sofrendo alterações, a experimentação sucede-se para que se possa atingir a máxima flexibilidade dos espaços e coerência na circulação.



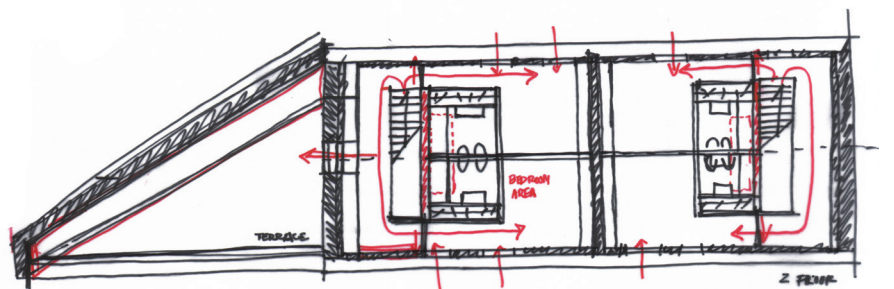
A organização interior e a forma como a estrutura se desenvolve, são analisadas e avaliadas, o que se pretende é um contraste entre o peso do que é antigo, e a leveza do novo. Assim a nova estrutura terá que ser leve, contrastando com a pesada fachada de alvenaria de pedra. Uma estrutura de madeira, betão leve e aço. Considerou-se importante também pensar no estacionamento no edifício.



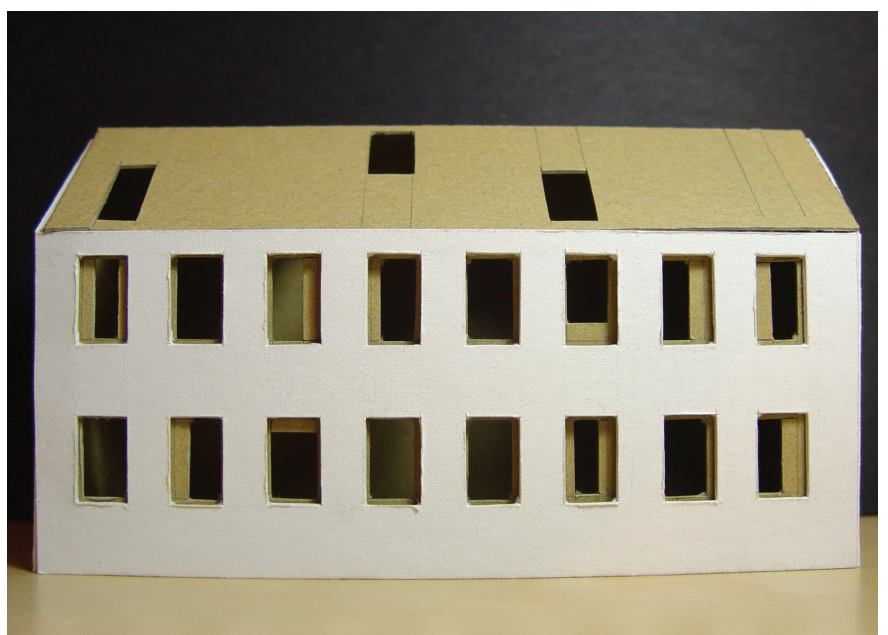
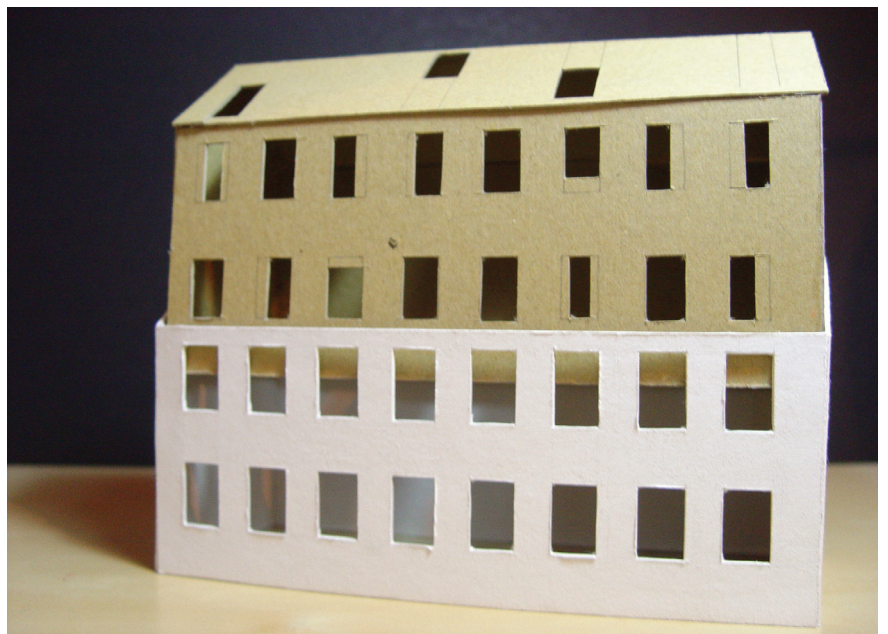
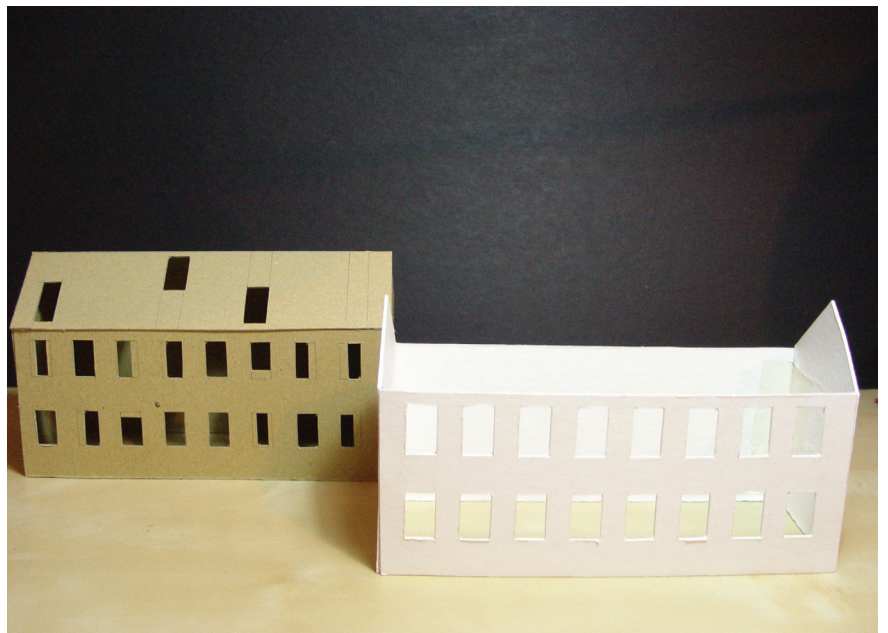
Os espaços interiores são produzidos não esquecendo a relação com o exterior, com a parede urbana.

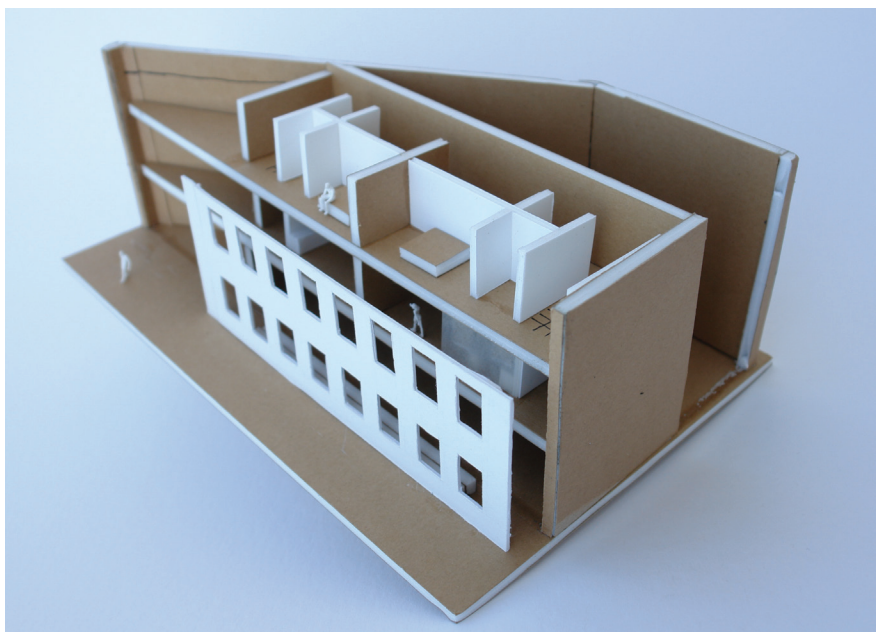
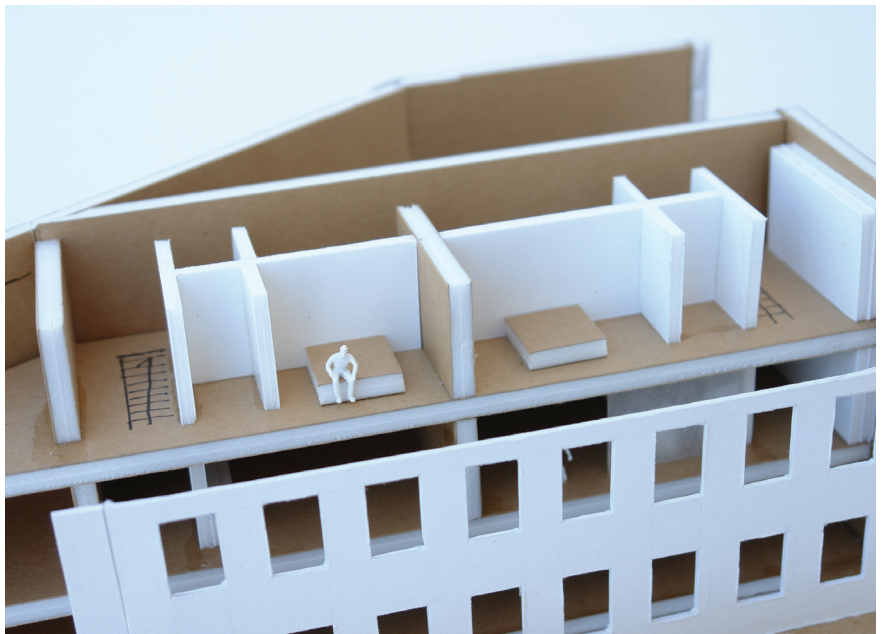
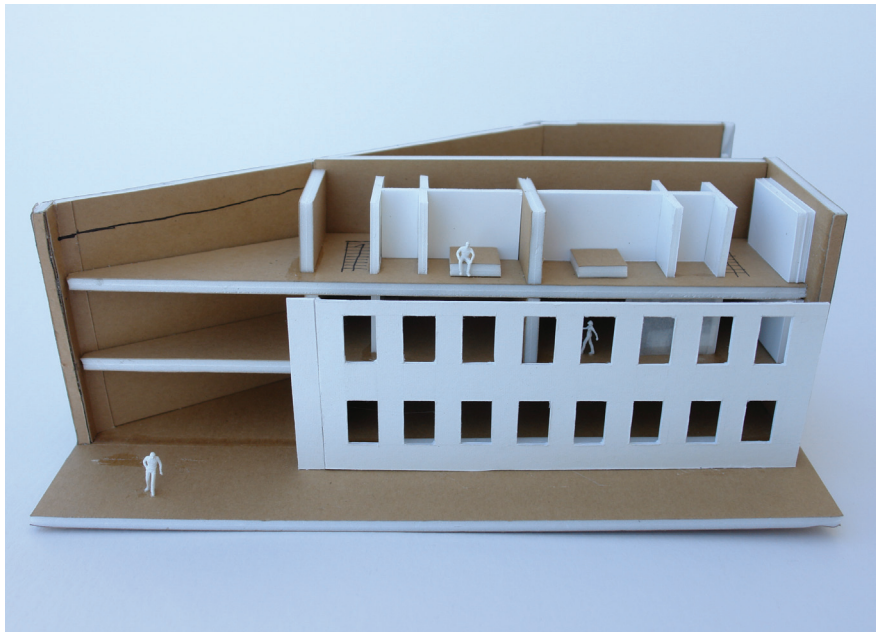


A divisão interior é pensada de acordo com as dimensões consideradas de conforto, mas os espaços são o mais amplos possível.

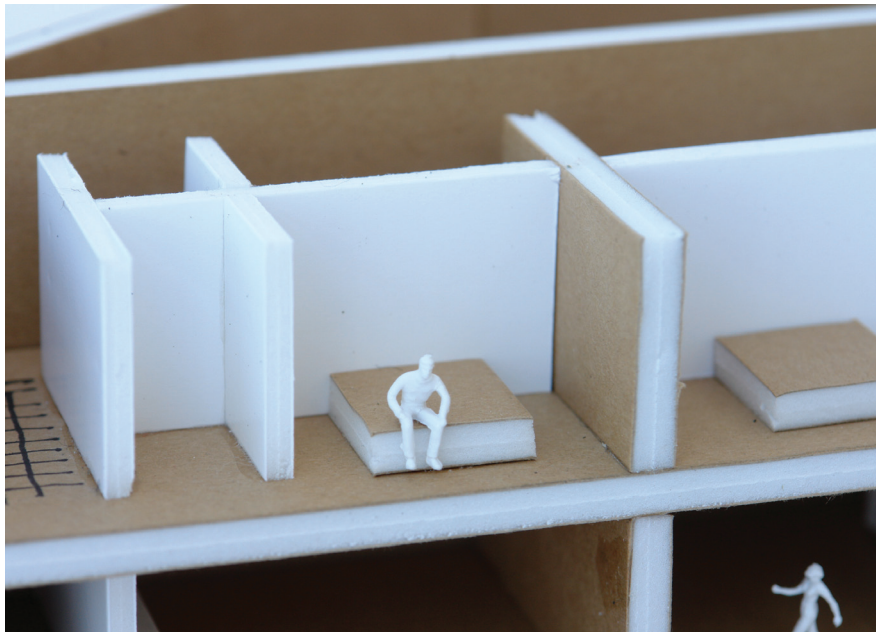


O conceito é experimentado em maquete, à escala para que se possa perceber não só como se poderá uma nova estrutura, mas também a volumetria do edifício. As imagens que se seguem demonstram o conceito, da sobreposição, caixa dentro de outra caixa.











PROJECTO

Localização do edifício

Um edifício em gaveto na convergência da Rua da Boavista a sul e as Escadas da Boavista a norte, com acesso por ambas, e um desnível de terreno de dez metros.

Composição e distribuição do edifício

O projecto trata-se de uma reabilitação de um antigo edifício industrial de 316 metros quadrados de implantação e 153 metros quadrados de logradouro.

Indicação da natureza e condições do edificado

O sistema construtivo do edifício compreende paredes resistentes de alvenaria de pedra rebocadas, que suportam vigas de aço no primeiro piso e de argamassa de cimento no último piso, bem como os pilares. Os pavimentos possivelmente seriam de madeira bem como a cobertura. A composição da fachada principal é equilibrada e simétrica, com vãos ritmados e um único tipo de janelas, elementos também presentes na fachada posterior, sendo presentes apenas nestas duas.

Adequação da edificação à utilização pretendida

Tendo como base toda a informação recolhida e interpretação da mesma através da metodologia desenvolvida, propõe-se que o edifício seja assim reabilitado para estúdios, ao nível do rés-do-chão, e habitação, nos restantes pisos, sendo estruturados assim dois fogos, de tipologia T2 duplex, com pátio interior e acesso ao logradouro. O edifício terá ainda contemplado na sua área útil garagem para dois lugares.

Elementos Construtivos

O edifício terá os seguintes elementos construtivos cujos cálculos de estabilidade e respectivas peças desenhadas, deverão ser executadas assim que se pense levar esta proposta para projecto de execução. No entanto salienta-se a preocupação para não sobrecarregar muito a estrutura existente, por isso criamos um segundo "esqueleto" de suporte de lajes e pavimentos e a pré-existência mantém a sua implantação original.

Pilares Vigas

Serão em madeira de eucalipto devidamente tratada, e de acordo com um futuro projecto de estabilidade.

Lajes

Serão constituídas em madeira, betão leve e com isolamento térmico e acústico, com uma espessura de 30 cm.

Paredes Exteriores

As paredes a manter são em alvenaria de pedra, com as espessuras cotadas nas peças desenhadas, deverá ser executada uma parede interior em madeira com 10 cm, levando isolamento térmico e acústico.

Paredes Interiores

Serão constituídas em gesso cartonado, e de acordo com a respectiva planta.

Cobertura

Será construída da mesma forma que as lajes mas com revestimento exterior em cobre.

Na fase de acabamentos:

Paredes exteriores

Serão rebocadas e acabadas nas juntas a areado fino e preparadas para posterior pintura.

Paredes interiores

Nas zonas secas, serão acabadas e preparadas para posterior pintura, com excepção das instalações sanitárias, cozinha que levarão revestimento até à altura das vergas das portas, e pintadas daí até ao tecto.

Pavimentos

Nas zonas secas, no interior, será aplicado soalho de madeira devidamente tratado pronto a receber cera ou verniz, nas instalações sanitárias, cozinha será aplicado mosaico cerâmico. No terraço será aplicada madeira hidrofugada e no pátio serão aplicados mosaicos de granito polido do tipo anti-derrapante.

Portas interiores

Os aros e as portas serão em madeira devidamente tratada.

Portas e Janelas exteriores

As janelas serão em caixilharia de inox, de cor natural e providas de vidros nacionais duplos, as portadas interiores em madeira devidamente tratada na cor natural. As portas serão em madeira na cor natural, com hidrofugante.

Tectos

Todos os tectos serão em madeira devidamente tratados.

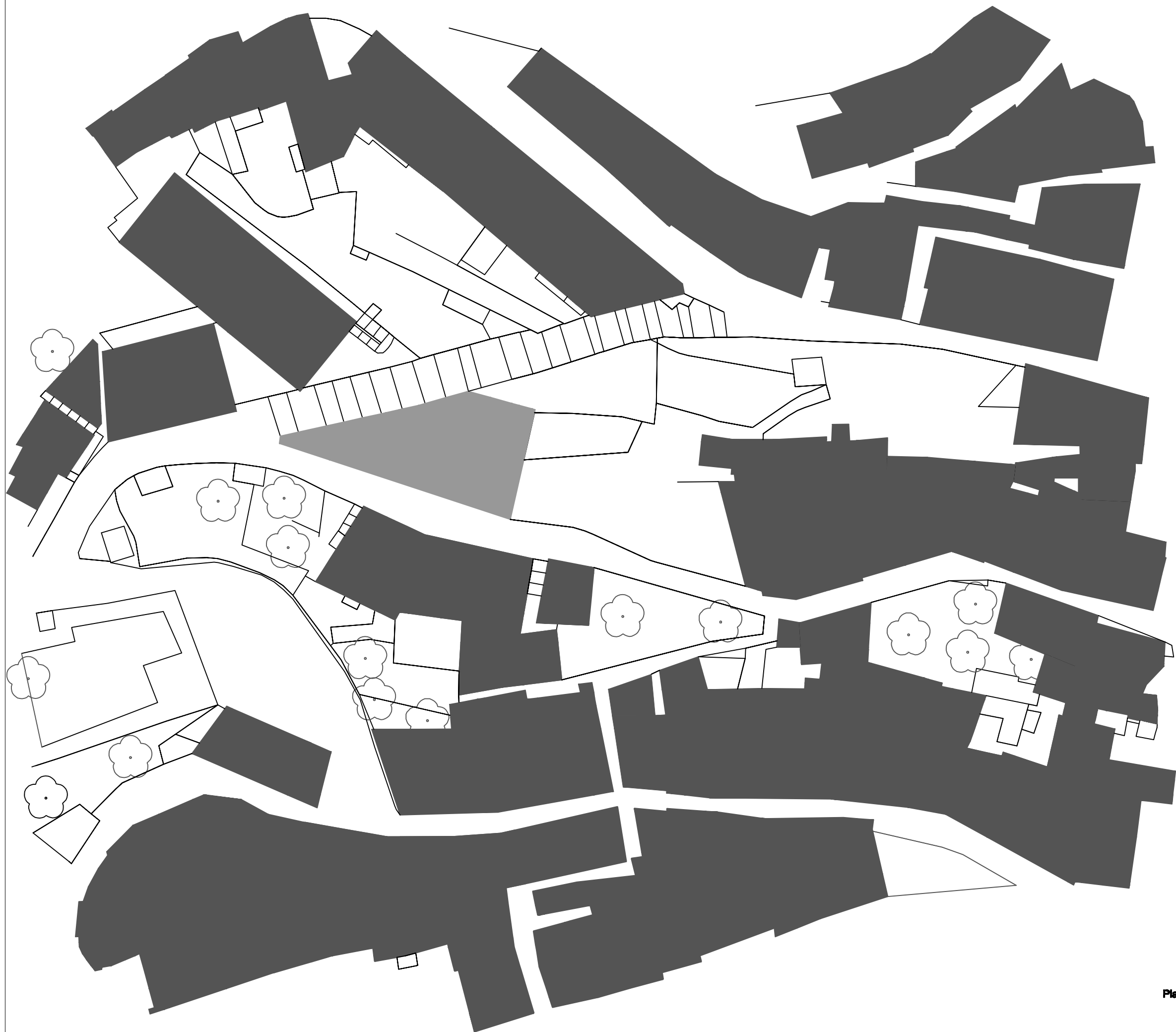
Cantarias

Assentar-se-ão peitoris e soleiras em granito regional em todos os vãos. Todas as cantarias serão em granito serrado, com pelo menos 13 cm de espessura.

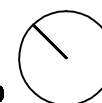


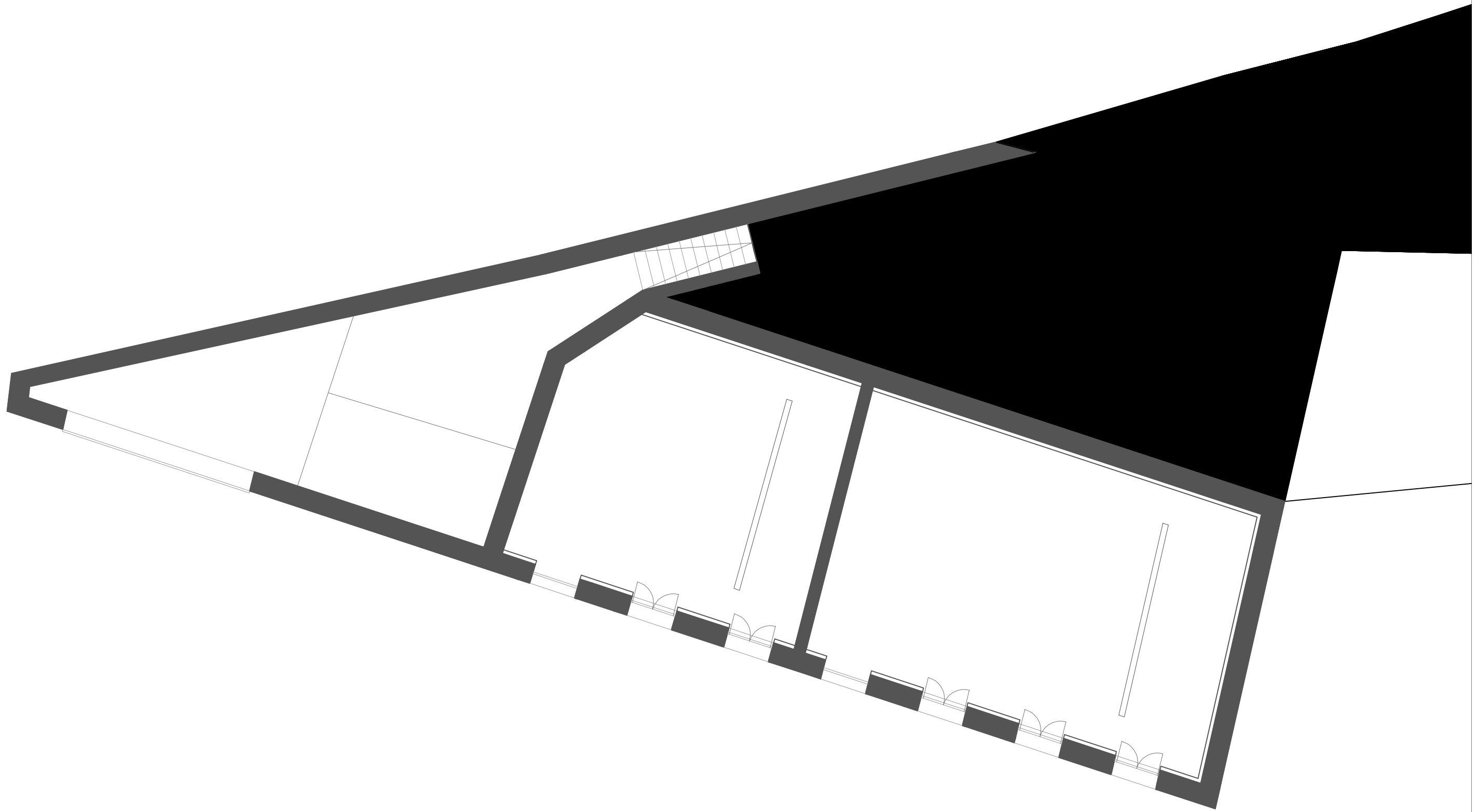
PEÇAS DESENHAĐAS





1/500
Planta de Implantação

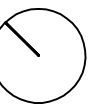


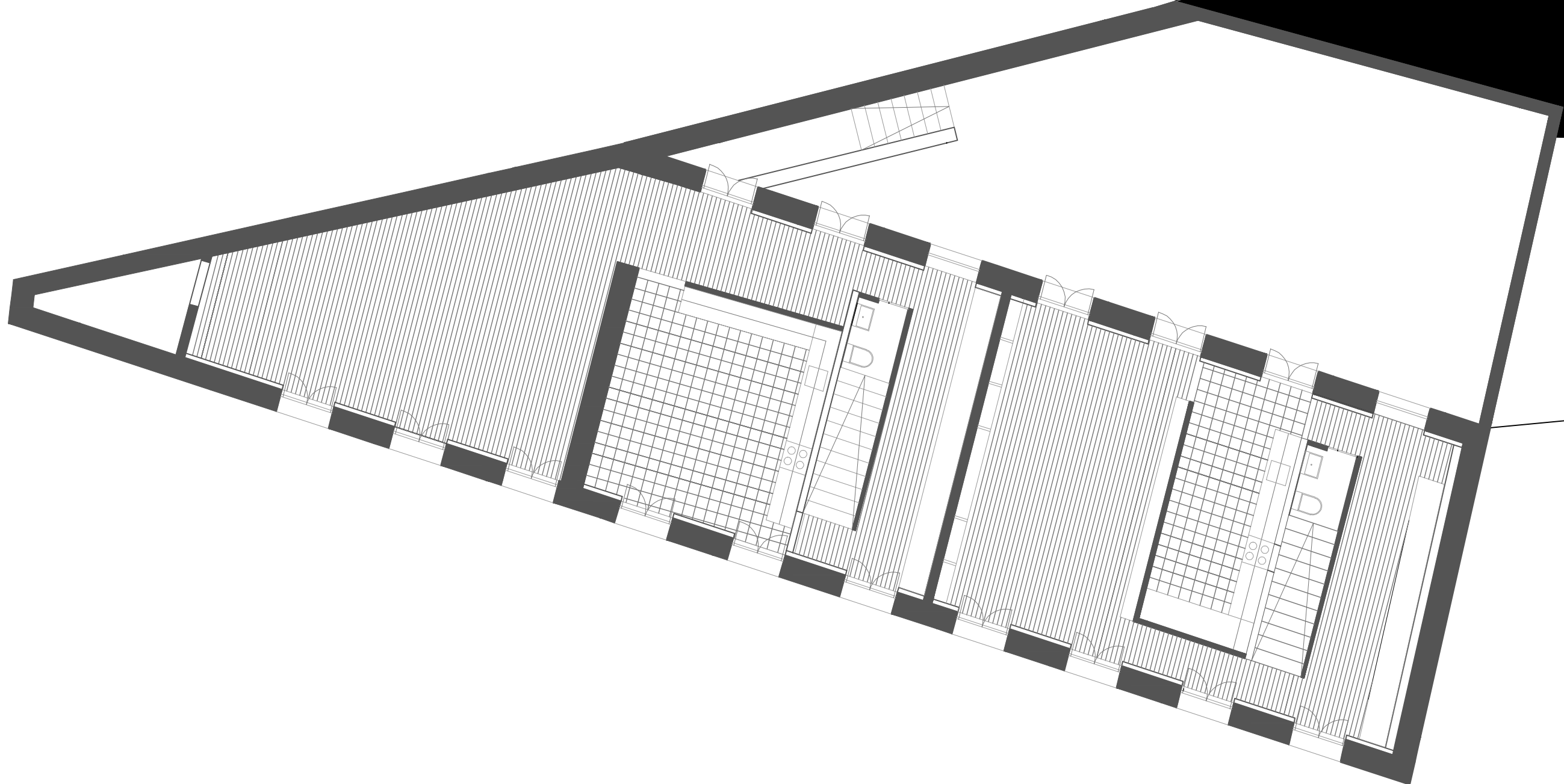


Planta do Piso 0



1/100

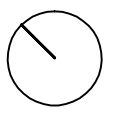


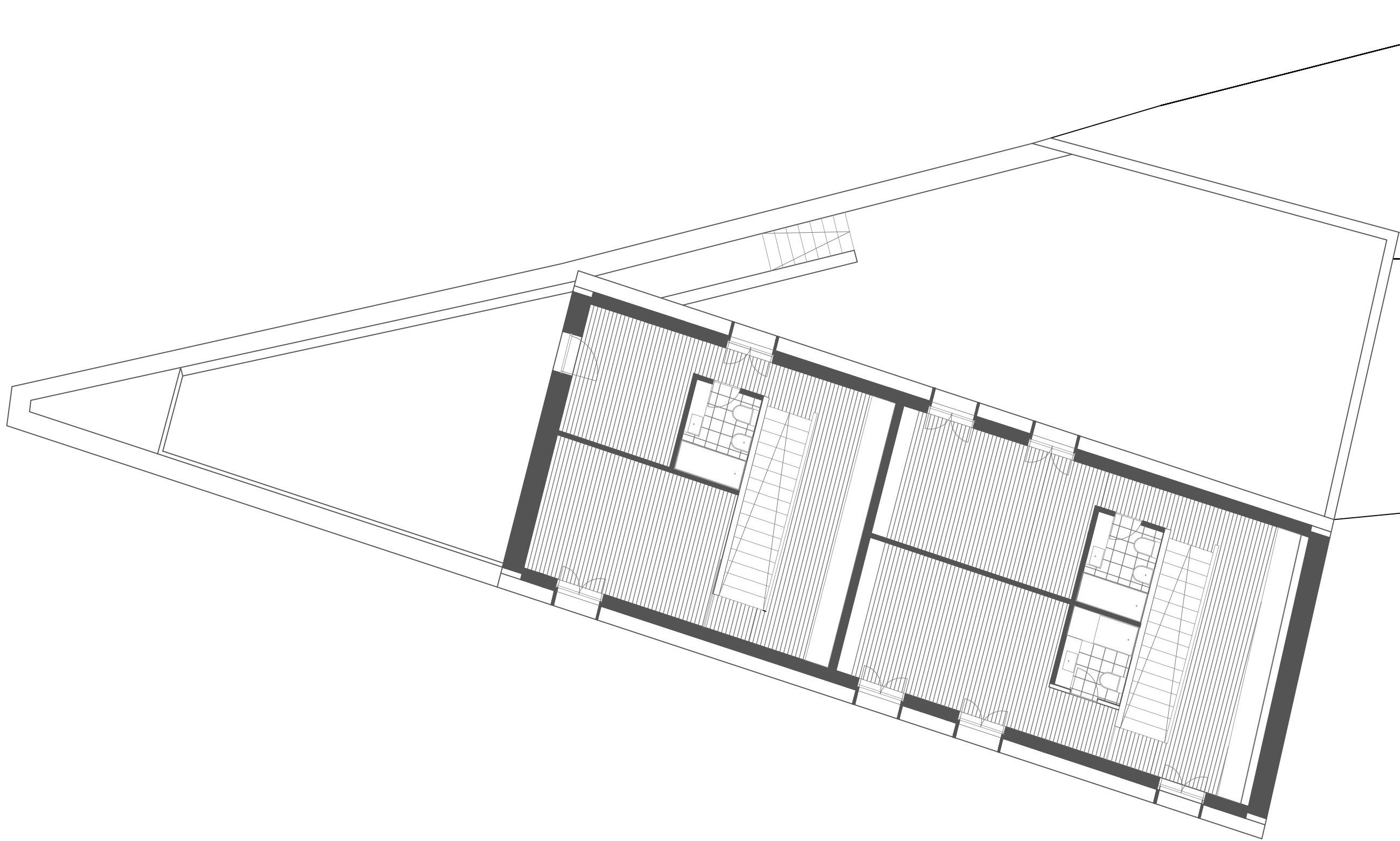


Planta do Piso 1



1/100

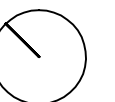


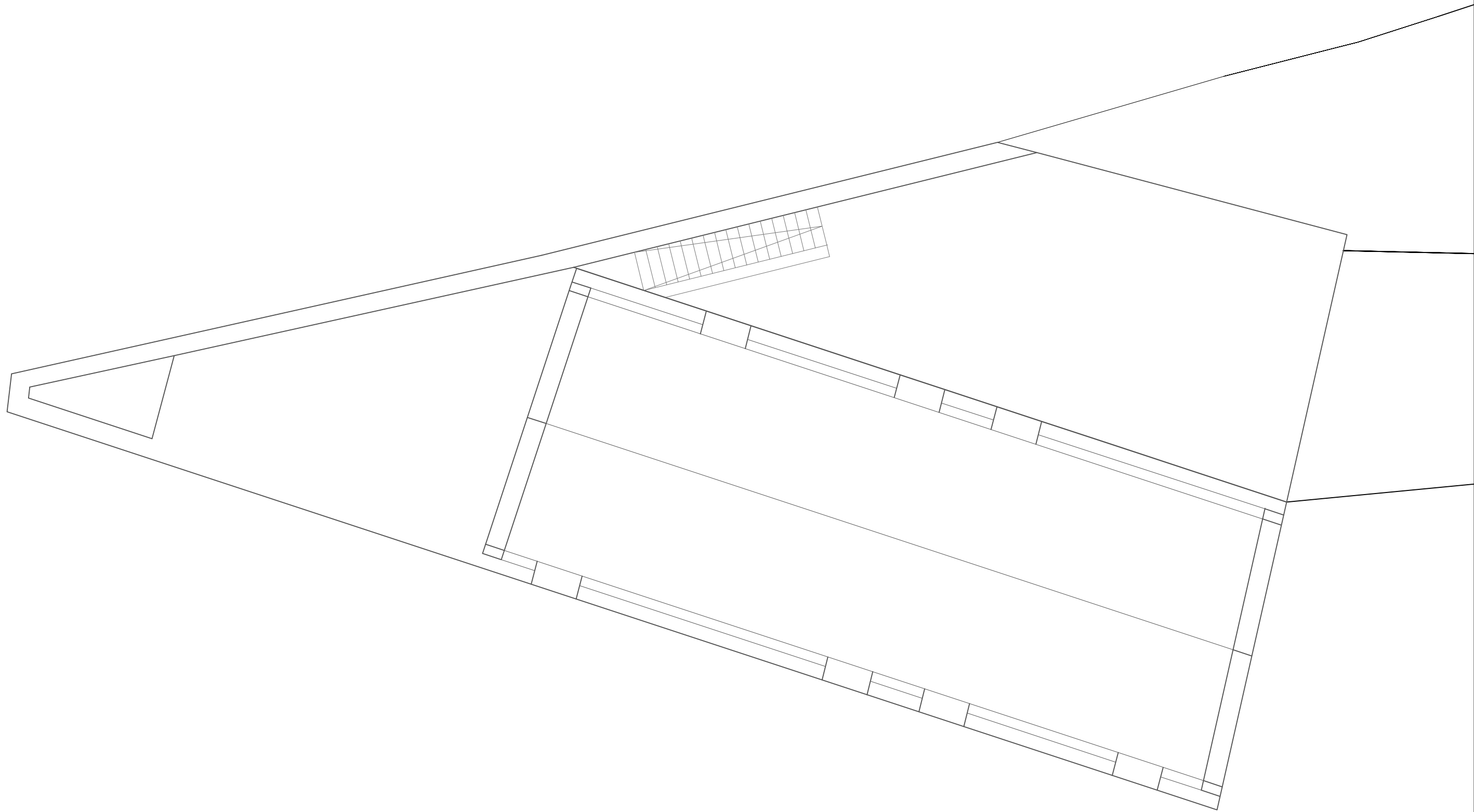


Planta do Piso 2



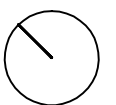
1/100

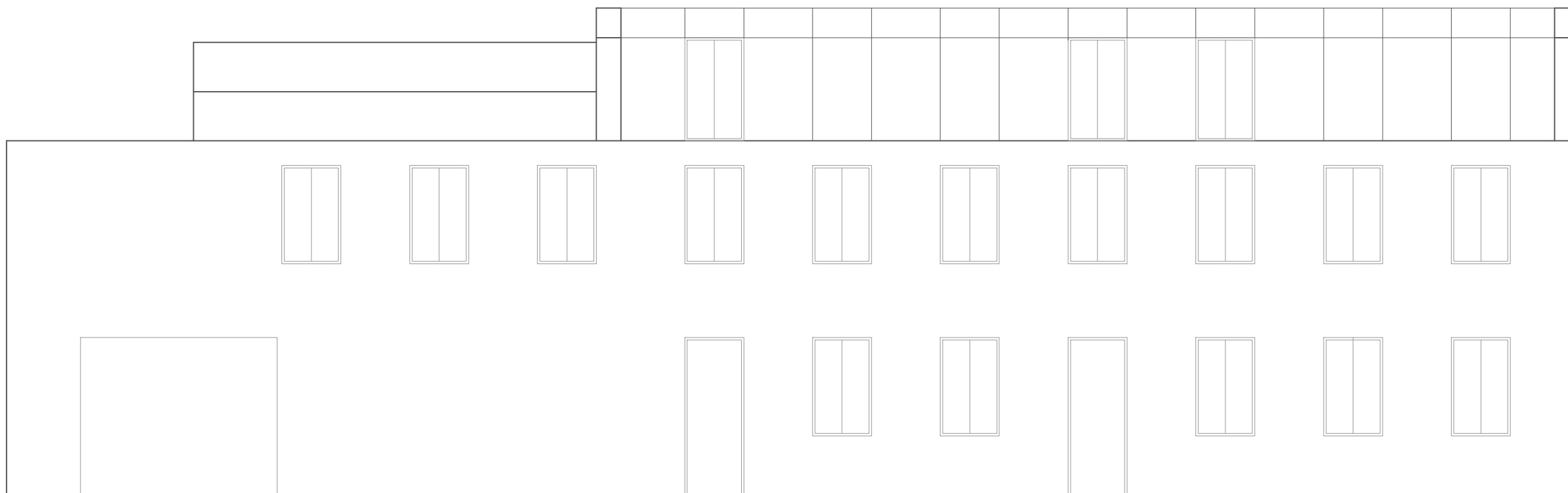
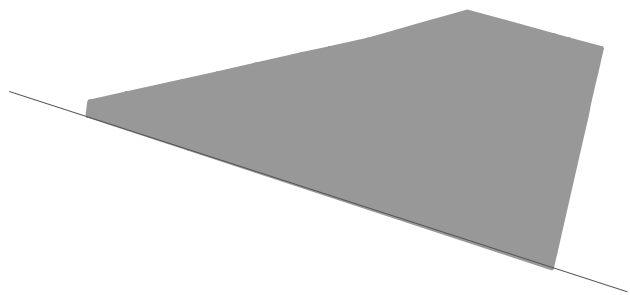




Cobertura

1/100

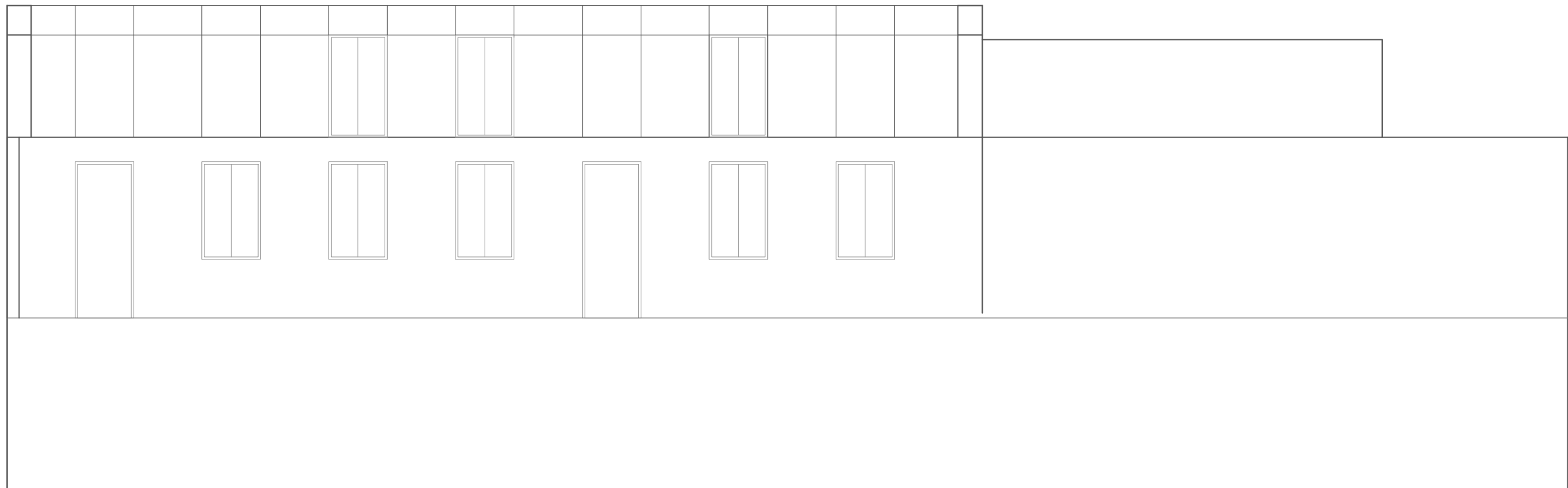
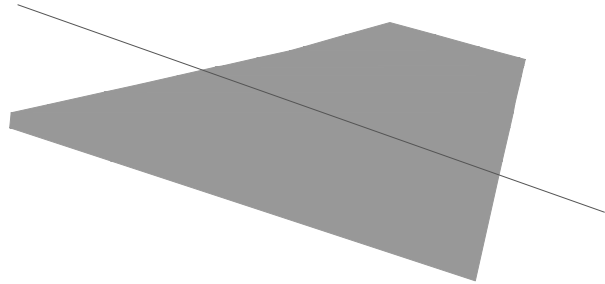




Alçado Rua da Boavista

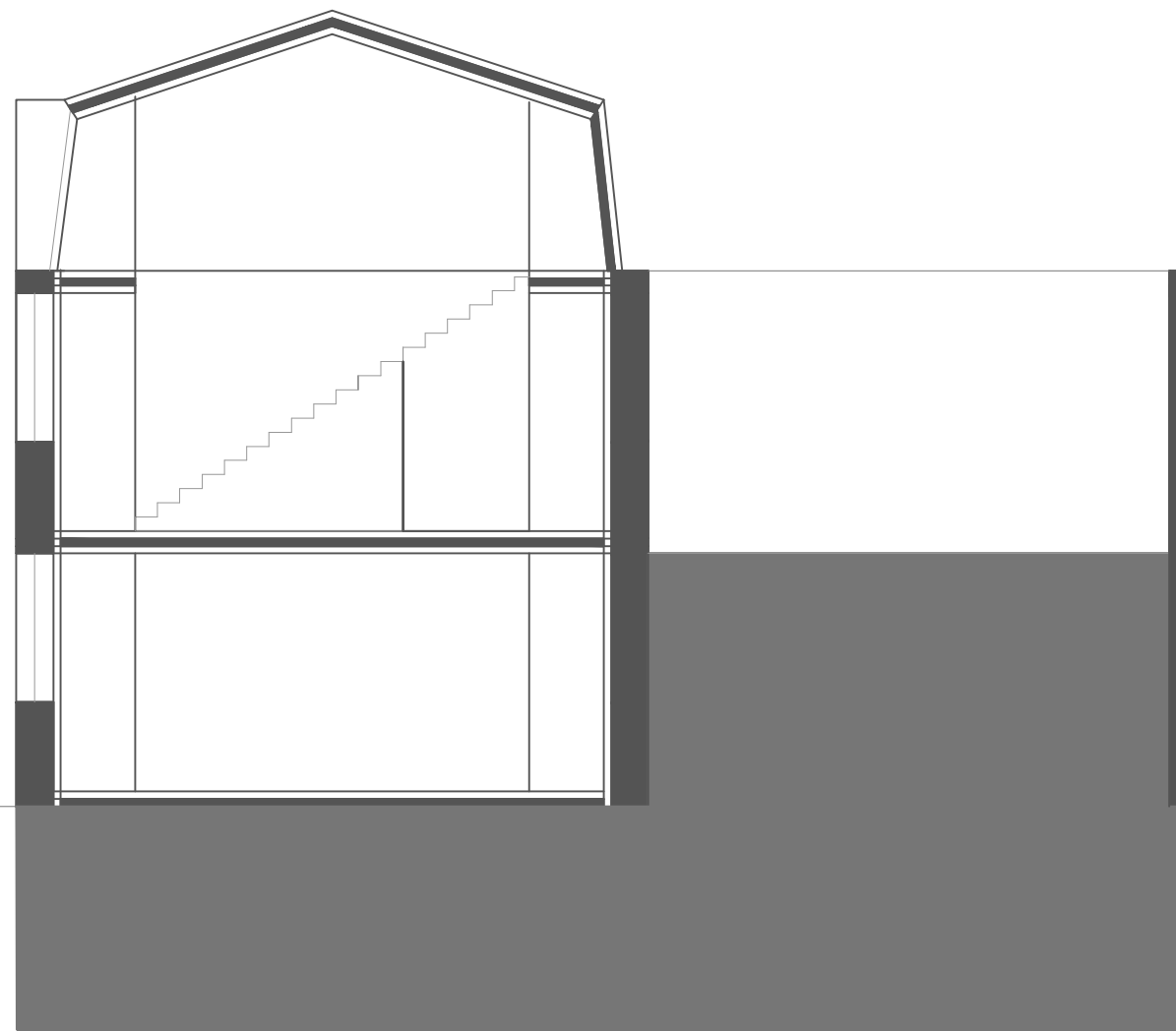
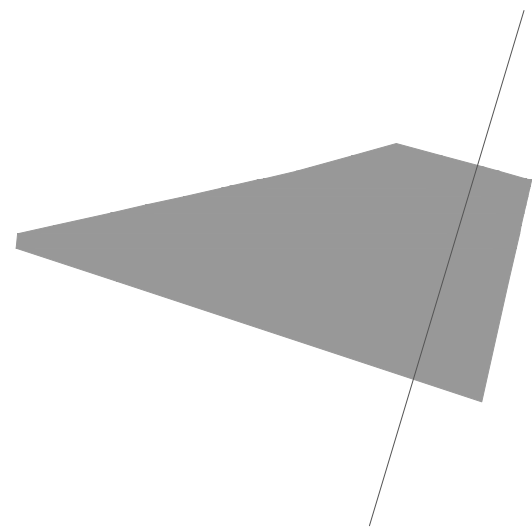


1/100



Alçado Escadas da Boavista

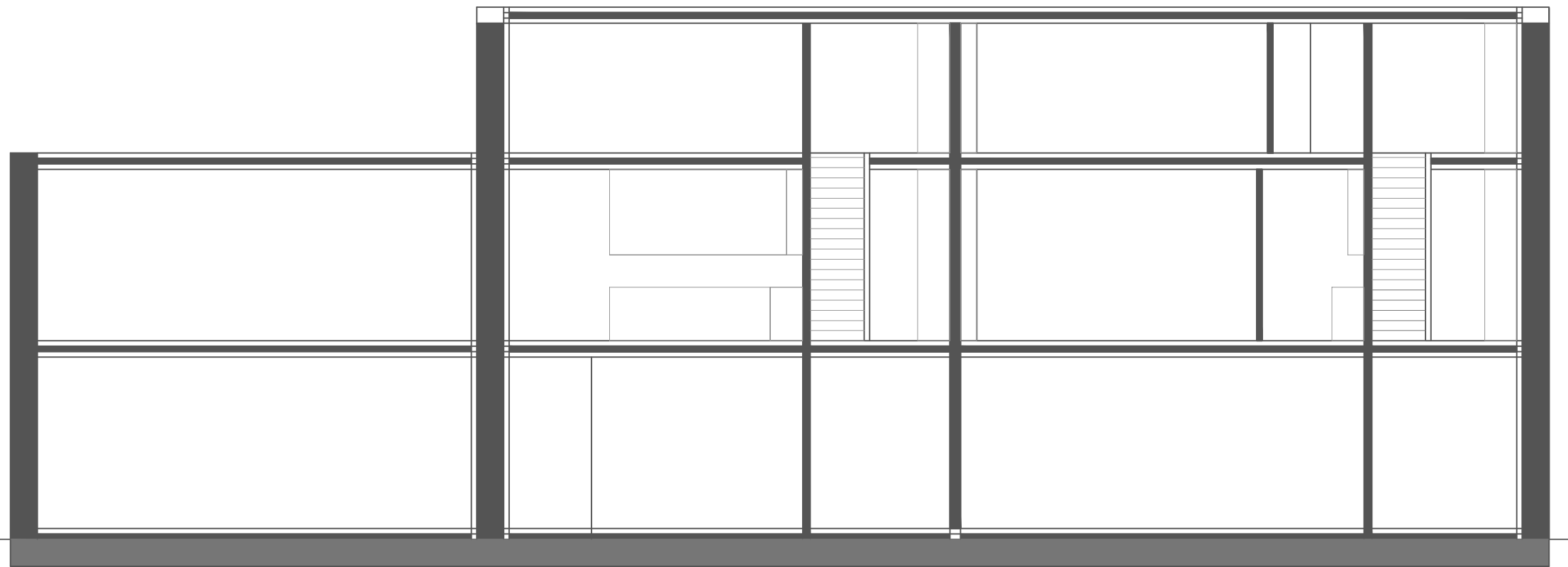
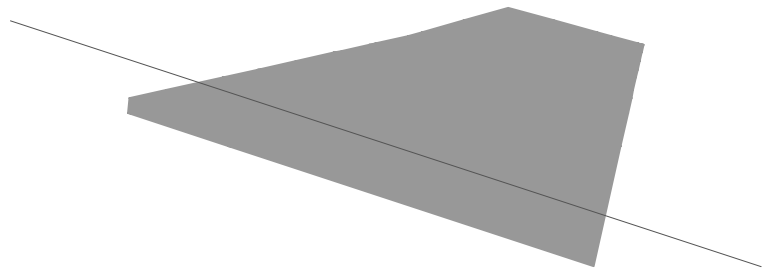




Corte Transversal



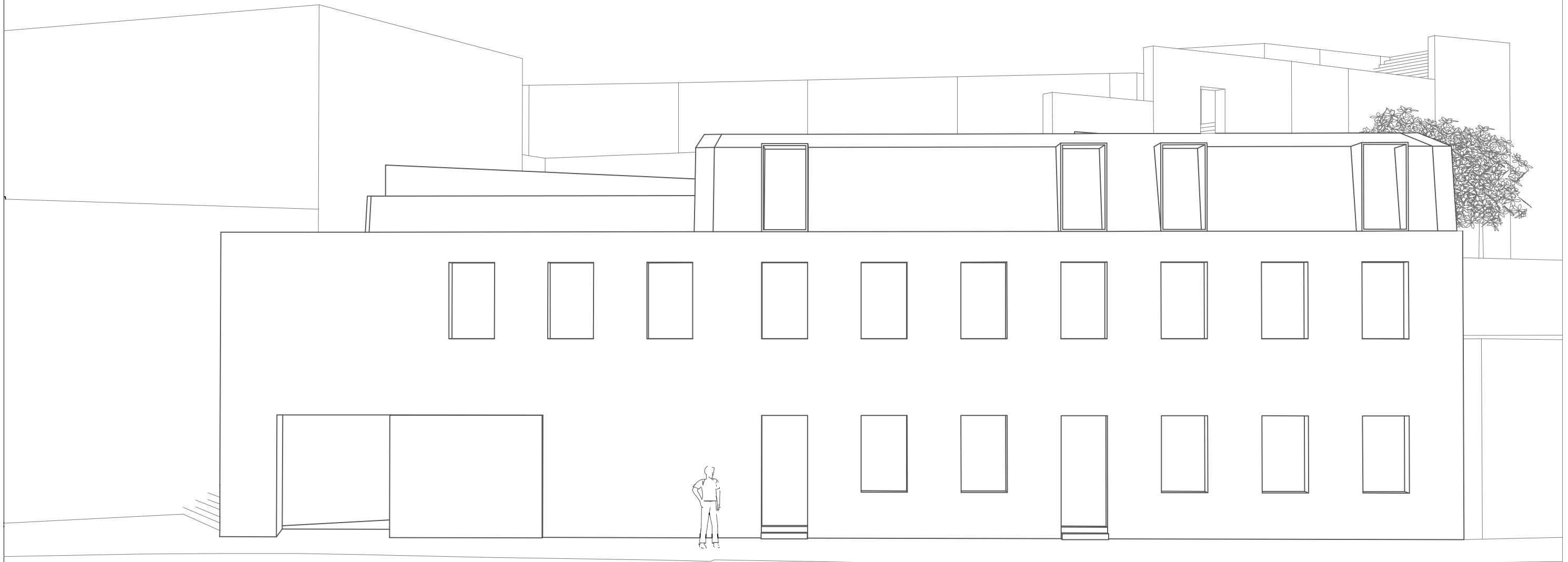
1/100



Corte Longitudinal



1/100



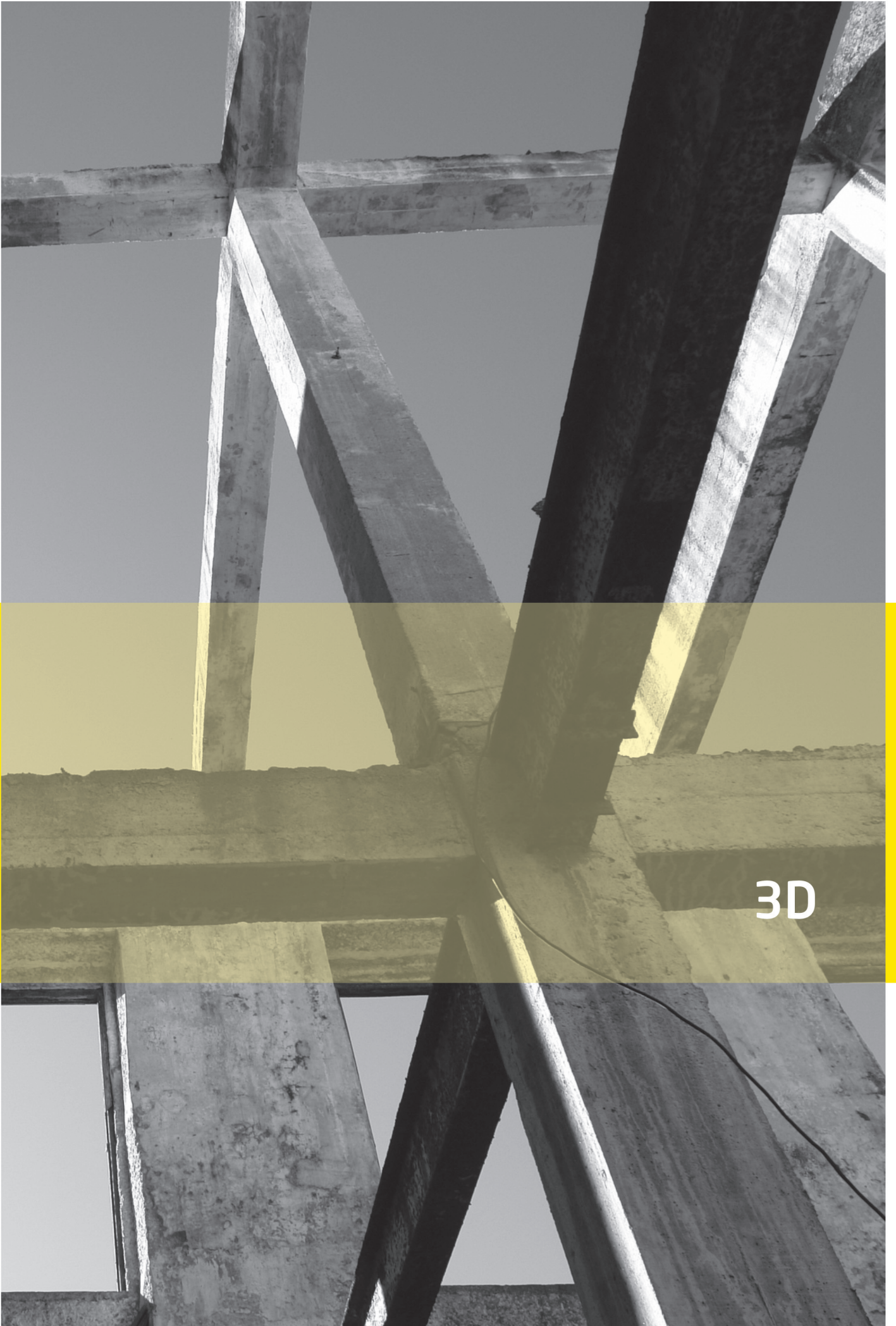
Perfil da Rua da Boavista





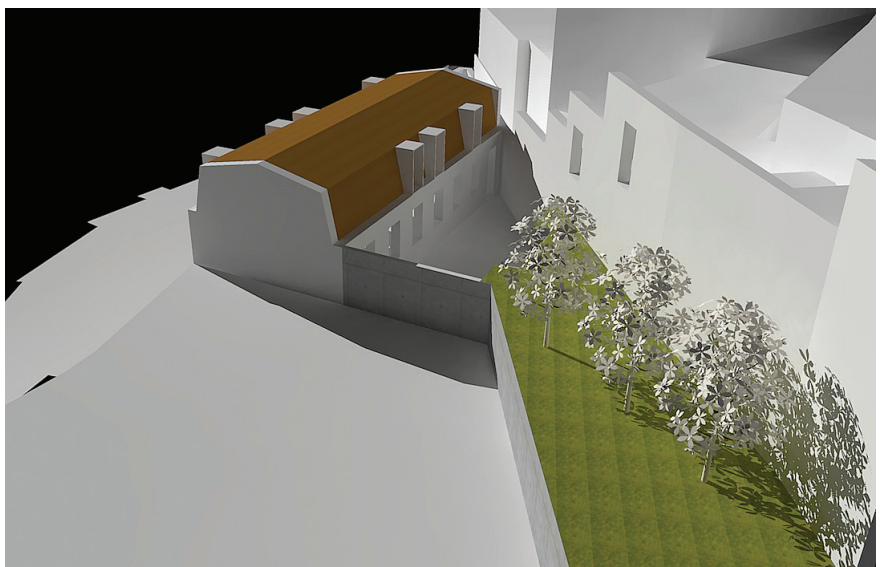
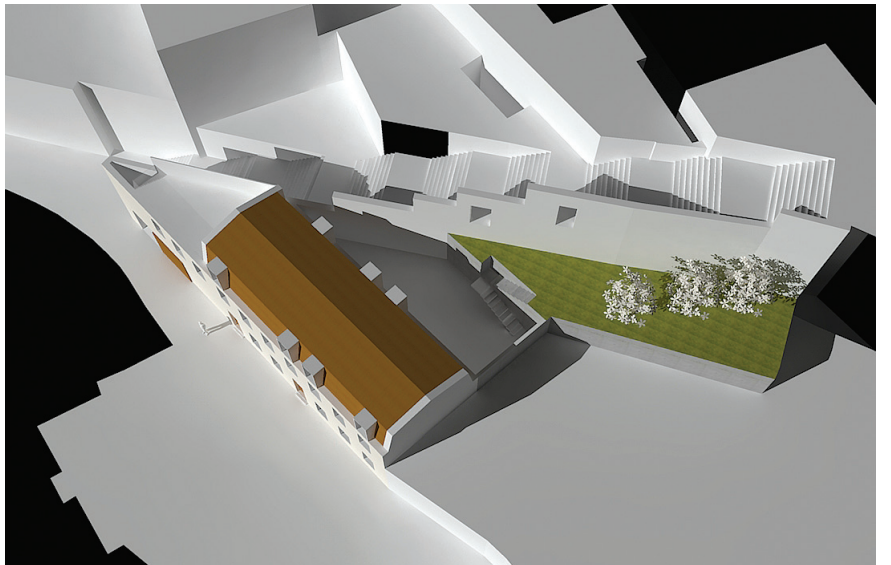
Perfil das Escadas e Rua da Boavista

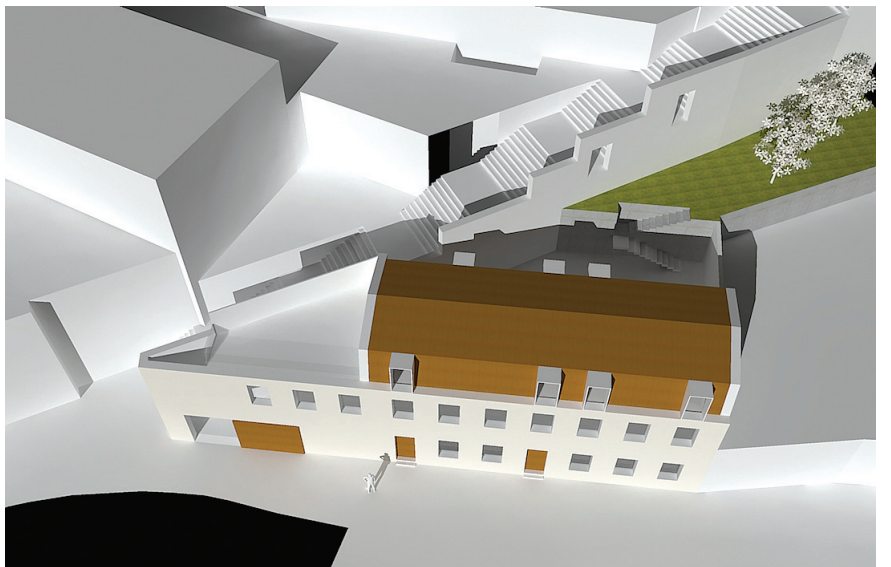
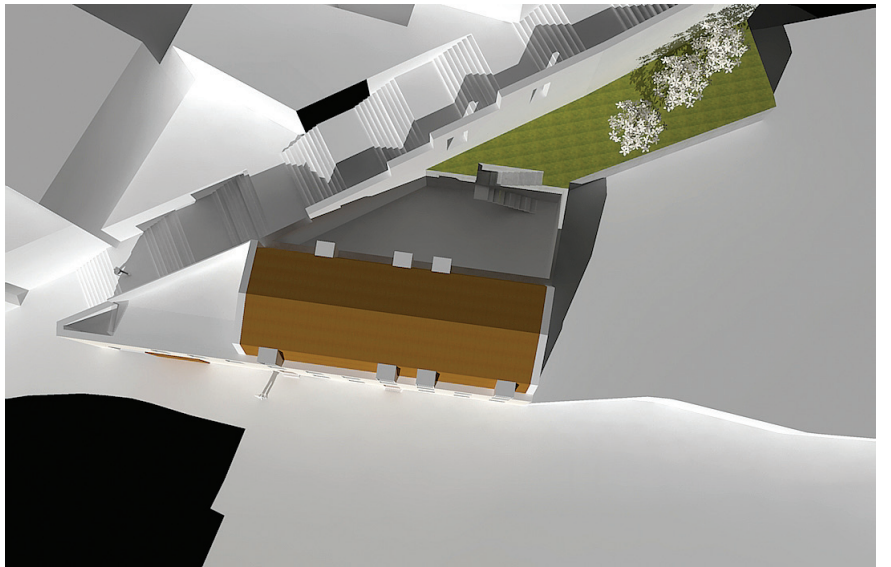


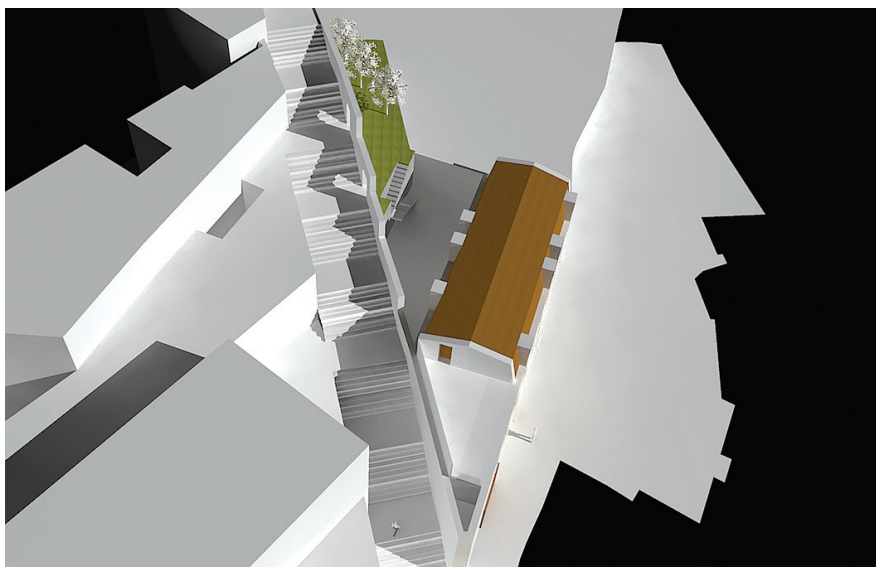
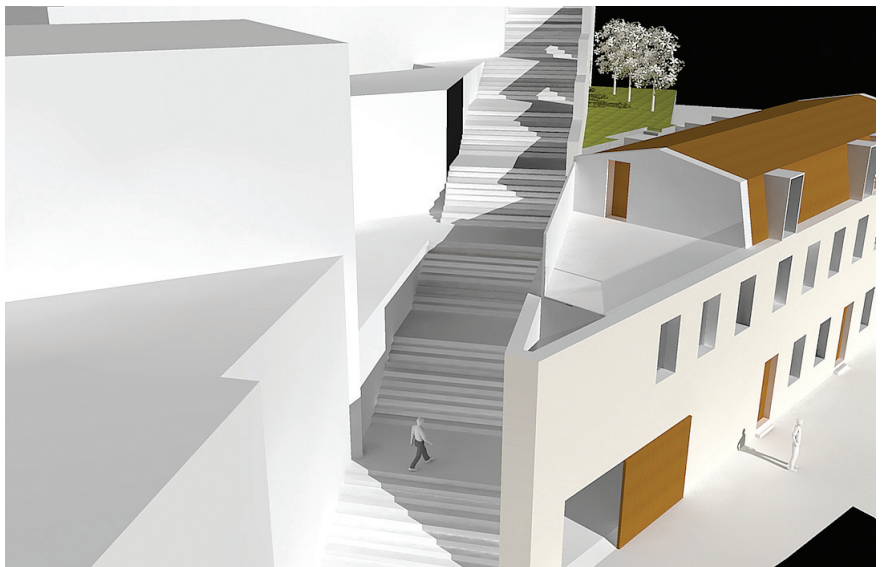
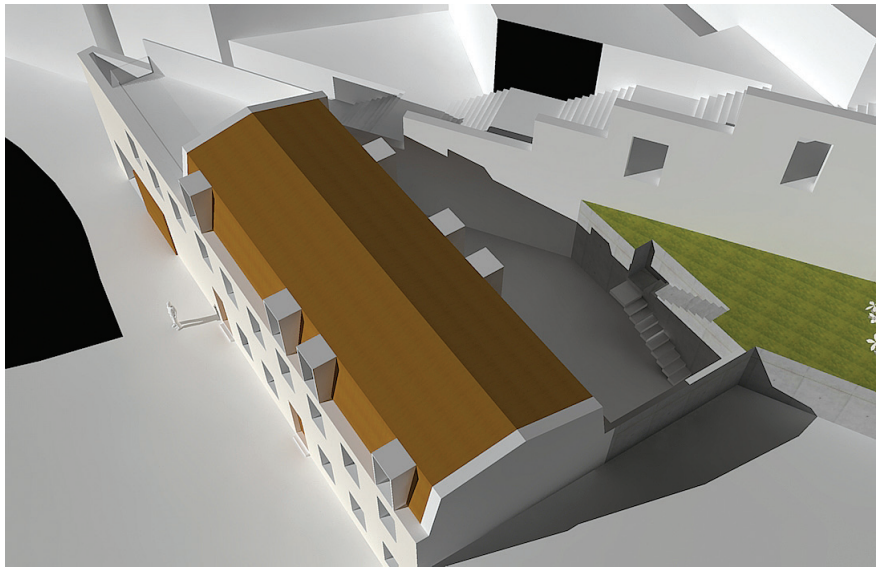


3D











CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O trabalho dos arquitectos tem que assumir o passado, quando falamos de preservar o património que nos rodeia, seja ele arquitectónico, urbano ou até natural. Temos que ouvir a cidade, perceber como ela se organiza, vive, respira.

10) Emmanuel Levinas em Totalidade e Infinito

Todas estas ideias, sensações, formas e emoções, são herdadas e formam o nosso património, devemos por isso partilhá-lo. Toda esta memória ajuda-nos a projectar o futuro, mas um futuro que não esquece, que está presente no diálogo da cidade. *A verdadeira vida está ausente*¹⁰ é assim que Levinas começa, dá o mote, mas nós estamos aqui, a cidade está aqui. Temos que nos voltar para o outro, para o que nos rodeia, o que está à nossa frente.

É este o propósito deste trabalho, a memória que identifica a identidade de uma cidade, que percebe os espaços de encontro, os interiores e os rostos que comunicam. Uma cidade tem muito mais para dar, do que simplesmente um sítio para construir. Como a tendência actual é a desertificação dos centros históricos, outro ingrediente é adicionado a esta metodologia, aliás funciona como catalisador, a reabilitação.

Temos assim, um trabalho em que se promove o uso de uma metodologia de concepção de projecto, de forma a demonstrar como é importante ter a percepção, a linguagem e a sensibilidade como ferramentas de trabalho. Toda a parte técnica não é aqui abordada, não porque a negligenciamos mas esta encontra-se numa fase seguinte.

Reabilitação, um diálogo com a cidade, não pretende ser somente um título, mas que todo este projecto se manifeste com esse propósito. O olhar para a cidade como base de toda a informação, perceber a identidade local, todo isto nos dá informação, que interpretamos fenomenologicamente, e usamos no conceber de uma nova proposta como uma abordagem dialógica. Para uma arquitectura dialógica é preciso ter a responsabilidade, habilidade para responder é isso mesmo que se procura com esta metodologia, poder responder a cada cidade, falando a sua língua.

11) Idem *A objectividade resulta da linguagem que permite pôr em causa a posse*¹¹.



BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston – A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAEZA, Alberto Campo – A Ideia Construída. Caleidoscópio, 2009

BENEDIKT, Michael – For an Architecture of Reality. New York: Lumen Books, 1987.

DOMINICZAK, Jacek; ZAWADZKA, Monika in cooperation with Agnieszka Kiera: "Local Identity Code for Central Fremantle". 2007-08. Copies available in the library of City of fremantle.

DOMINICZAK, Jacek: Borrowing Light. How Can the Thinking of Emmanuel Levinas change City Architecture. In: "Levinas: Filozofia, Teologia, Polityka" Instytut Adama Mickiewicza 2006.

GORJÃO, Jorge – Lugares em Teoria. Caleidoscópio, 2007.

LAMAS, José M. Ressano Garcia – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEVINAS, Emmanuel – Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 2008.

LUSTENBERGER, Kurt – Adolf Loos. Barcelona: Gustavo e Gili, 1998.

MONTANER, Josep Maria – Arquitectura e Crítica. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.